

Orientação

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus por estar ao meu lado e me ter ajudado no decorrer desta longa caminhada.

Este trabalho é dedicado inteiramente à minha filha Inês, que me permitiu realizá-lo dando-me uma gravidez tranquila, e depois do seu nascimento algumas horas do dia para que me pudesse concentrar neste. Embora não seja fácil, com ela cá tudo faz mais sentido.

A realização deste trabalho não seria possível sem o apoio, boa vontade e os conselhos de todos os que colaboraram direta e indiretamente comigo ao longo do meu percurso neste ciclo de estudos.

Agradeço, desta forma, ao meu orientador Doutor Manuel Bernardo Queiroz Canha, pela orientação, aconselhamento e sobretudo pelo incentivo, compreensão e disponibilidade, que foram fundamentais no desenvolvimento do meu trabalho.

Aos meus supervisores Doutora Alice Guimarães, Mestre Edite Orange e Doutor Rui Teles pela amabilidade e conselhos que foram fundamentais para que evoluísse ao longo da minha prática.

Às minhas orientadoras de estágio Dra. Ana Paula Ferreira e Dra. Maria Lurdes Loureiro, às quais estarei eternamente grata, por me terem acompanhado no decorrer desta caminhada, que nem sempre foi fácil. Pela aprendizagem constante, pela disponibilidade total, pela boa vontade, rigor, paciência, apoio, partilha de conhecimentos e por me terem ajudado a crescer não só enquanto docente, mas também como pessoa. Uma relação que começou por ser estritamente profissional e que acabou por se tornar em amizade.

À minha irmã, que foi a minha âncora no decorrer deste longo percurso, que apesar da distância e do fuso horário, esteve presente a todas as horas.

Obrigada pela paciência, pela partilha de conhecimentos, pelo incentivo, força e carinho.

Ao meu marido pelo apoio incondicional que me deu desde o início e que sem o qual não conseguiria chegar a bom porto. Obrigada pela paciência, compreensão, disponibilidade, carinho e sobretudo pelo constante estímulo nos momentos de desânimo perante as adversidades.

Aos meus pais pelo apoio e motivação constantes, assim como à restante família.

À amizade e compreensão da Marta Barbosa, pela partilha de saberes e experiências.

Não posso deixar de agradecer à administração e ao pessoal docente das escolas que me acolheram e me fizeram sentir como se fizesse parte delas. Por último, mas não menos importante, aos alunos que foram fonte de inspiração para este trabalho. Pela forma aprazível com que me acolheram e pela aprendizagem constante.

A todos o meu mais sincero

Obrigada!

RESUMO

A escola, no decorrer dos últimos anos, tem sofrido muitas alterações. Como tal, hoje, os professores não devem aceitar ser meros transmissores do saber, antes pelo contrário, devem ser facilitadores da aprendizagem, num ambiente onde todos os envolvidos trabalham no mesmo sentido, com o intuito de criar condições para que os alunos estejam motivados para a aprendizagem e queiram atingir um certo grau de autonomia ao longo deste processo. Apesar deste pressuposto se verificar em todas as áreas disciplinares, focar-me-ei, ao longo do presente trabalho, no ensino de línguas estrangeiras, sendo fundamental que os alunos de línguas sejam capazes de, ao longo de uma conversa, compreender e serem compreendidos, contribuindo para o desenvolvimento da sua autonomia.

Considerei pertinente tentar perceber de que forma é que a interação oral é desenvolvida em contexto de sala de aula e como é que o jogo poderá contribuir para o desenvolvimento da mesma.

A escolha desta temática surgiu a partir da reflexão sobre a minha prática educativa realizada no 1º, 2º e 3º ciclos do Ensino Básico, no âmbito do Mestrado em Ensino de Inglês e Francês ou Espanhol no Ensino Básico.

Para a realização deste trabalho baseei-me na análise de algumas planificações dinamizadas no estágio e na implementação de questionários a professores e alunos de línguas estrangeiras.

Concluí-o tecendo as minhas considerações finais, onde fiz um balanço sobre o meu percurso e o seu contributo para a minha formação profissional e pessoal, refletindo sobre as questões centrais deste trabalho.

Palavras-chave: Línguas estrangeiras, oralidade, interação oral, jogo.

ABSTRACT

Over the last few years, school has been going through significant changes. So, nowadays, teachers should not accept to be mere knowledge providers, they must provide learning in an environment where everyone is involved, aiming to create conditions that promote learning and students' autonomy through this process. Although this assumption covers all school subjects, in this work I will focus on the teaching of foreign languages where understanding and being understood during a conversation is a fundamental aspect of the language learners, which contributes to the development of their autonomy.

Therefore, I have considered that it was relevant to try to understand how spoken interaction is developed in classroom context and how the game can contribute to its promotion.

The choice of this theme emerged from the reflexion on my teacher training experience in the 1st, 2nd and 3rd cycles of Basic Education, within the Master in English and French or Spanish Teaching in Basic Education.

To do this work I have considered the analysis of some plans developed during my practice and the implementation of surveys with teachers and foreign language students.

I have finished this work by making final remarks, where I reflect upon my path and its contributions to my professional and personal training and by making a reflection of the central questions of this work.

Key words: Foreign languages, speaking, spoken interaction, game.

ÍNDICE

Agradecimentos	1
Resumo	3
Abstract	4
Introdução	7
1. Contextualização	9
1.1. Questões e objetivos gerais do trabalho	9
1.2. Caracterização dos contextos socioeducativos	10
1.2.1. Prática Educativa	10
1.3. Expetativas relativamente à prática educativa	13
2. O jogo: condições facilitadoras para o desenvolvimento da oralidade	16
2.1. A intercompreensão em contexto de sala de aula	16
2.2. Abordagem comunicativa e o ensino de línguas estrangeiras	19
2.3. A autonomia dos alunos de línguas estrangeiras	23
2.4. A interação na sala de aula	26
2.5. A interação oral	29
2.6. Interação e <i>role-play</i>	34
2.7. o jogo	36
3. Análise e recolha de dados – inquéritos e planificações	38
3.1. Questionário aos alunos	39
3.2. Questionários aos professores	43
3.3. Análise de algumas planificações dinamizadas no estágio e reflexão sobre o contributo das mesmas para o desenvolvimento da interação oral	50

4. Considerações finais	57
Bibliografia	61
Anexos	i

INTRODUÇÃO

O presente Relatório Final de Estágio é parte integrante do Mestrado em Ensino de Inglês e Francês ou Espanhol no Ensino Básico, realizado na Escola Superior de Educação do Porto. Este teve como tema central de análise o “Jogo: condições facilitadoras para o desenvolvimento da oralidade”.

A escolha deste tema surgiu, essencialmente, da necessidade em tentar perceber qual a relevância da interação oral na aprendizagem de línguas estrangeiras e como o jogo pode contribuir para o desenvolvimento da mesma. Qualquer falante de uma língua recorre, no seu quotidiano, à comunicação para se exprimir, sendo fundamental, que este consiga interagir com outro interlocutor para que esta seja efetiva. Pretendendo a escola preparar os seus alunos para tais situações, com turmas cada vez mais heterogéneas, o jogo logra ser um facilitador no desenvolvimento da oralidade, na medida em que poderá ajudar os discentes mais inibidos ou com mais dificuldades, contribuindo para que se sintam mais à vontade para se expressarem na língua que estão a aprender. O jogo poderá, igualmente, mostrar-se um estimulante desafio para os que têm um nível de proficiência mais avançado, permitindo-lhes por em prática as suas aprendizagens e ter a perceção da sua evolução enquanto aprendentes de uma língua. Posto isto, “cabe ao professor adequar o jogo aos objetivos de aprendizagem que se pretende que sejam atingidos num determinado nível.” (Barbeiro, 1998, p.9).

Deste modo, com este trabalho, pretendo realçar a relevância da interação oral no ensino de línguas estrangeiras e do jogo como promotor do desenvolvimento da mesma.

Ao longo do estágio fui recolhendo dados, quer através da observação das aulas, quer da realização da prática educativa que, neste processo, tem um papel fundamental pelo seu caráter reflexivo, dando-me inspiração para a

realização de atividades pedagógicas que permitissem o envolvimento e entusiasmo dos alunos.

A reflexão crítica ao longo da prática pedagógica é essencial, pois permite ao professor ter a percepção do seu desempenho em sala de aula, conhecer-se melhor e conseqüentemente promover um ambiente de aprendizagem mais adequado às necessidades de cada aluno. Paralelamente, contribui para que o aluno desenvolva estratégias que lhe permitam comunicar oralmente usando a língua que está a aprender, tornando-se mais autónomo ao longo do seu processo de aprendizagem e preparando-o para situações com que se possa deparar para além do contexto escolar.

Este trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo são delineadas as questões e objetivos que me permitiram orientar na realização do mesmo, o contexto socioeducativo em que o estágio foi desenvolvido, bem como as expectativas relativamente ao mesmo.

O segundo capítulo corresponde ao enquadramento teórico, centrando-se sobretudo no tema em questão. Neste enquadramento, começo por fazer referência quer à capacidade de compreender a diferença e a diversidade na aprendizagem de línguas e em contexto de sala de aula, quer na abordagem comunicativa em que me apoiei ao longo da minha prática letiva, nas suas linhas orientadoras. Apresento a definição de interação oral, assim como clarifico os conceitos de interação oral e role-play. Faço também referência à interação na sala de aula e ao jogo, nomeadamente como impulsionador da oralidade.

No terceiro capítulo desenvolve-se a componente de análise prática deste trabalho, recorrendo a procedimentos empíricos, onde faço uma análise das minhas planificações e dos questionários que apliquei a dois grupos: aos alunos e aos professores de línguas estrangeiras do terceiro ciclo do ensino básico, com o intuito de tentar perceber a perspetiva dos envolvidos relativamente ao jogo e à interação oral.

Em jeito de conclusão tecerei algumas considerações, fazendo um balanço sobre o caminho traçado ao longo deste ciclo de estudos e se as expectativas iniciais face a este trabalho foram conseguidas.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1. QUESTÕES E OBJETIVOS GERAIS DO TRABALHO

Numa aula de língua estrangeira, a competência comunicativa desempenha um papel fundamental no processo de ensino aprendizagem. “As *competências comunicativas em língua* são aquelas que permitem a um indivíduo agir utilizando especificamente meios linguísticos.” (Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, 2001, p.29). Sendo a sala de aula um local marcado por interações sociais, entre professor-alunos e aluno-aluno, é importante ensinar a língua como instrumento de interação, desenvolvendo nos alunos a capacidade de comunicar naturalmente no seio do grupo ou da turma. Como tal, é esperado que estes sejam capazes de colocar em prática todos os seus conhecimentos linguísticos – fonéticos, lexicais e sintáticos – e socioculturais. Assim, num determinado momento ou situação, poderão ser capazes de gerir o seu discurso, de reconhecer como e quando devem intervir, assim como dirigir a conversa para um determinado sentido, enfrentando e colmatando as suas dificuldades ao longo da mesma.

Ao longo do tempo, o contacto com alguns alunos de línguas estrangeiras, permitiu-me aferir que estes se sentem inibidos a interagir em língua estrangeira quer entre os colegas, quer com o professor. Neste sentido, pretendo refletir sobre quais as razões que levam a que os alunos se sintam inseguros ao usar a língua que estão a aprender e que atividades é que podem ser desenvolvidas para facilitar a interação oral numa aula de língua

estrangeira, dando relevância ao jogo – por favorecer um ambiente mais descontraído - como possível facilitador da mesma.

Depois de delimitados os objetivos gerais deste trabalho, foi necessária a formulação de questões, que enumero a seguir.

Que espaço é atribuído à interação oral numa aula de língua estrangeira?

O que inibe e desinibe os discentes de interagirem oralmente em contexto de sala de aula?

O jogo pode contribuir para facilitar a interação oral nas aulas de língua estrangeira?

1.2. CARACTERIZAÇÃO DOS CONTEXTOS SOCIOEDUCATIVOS

1.2.1. Prática Educativa

A prática educativa foi realizada em três estabelecimentos de ensino diferentes.

O estágio de inglês, no primeiro ciclo do Ensino Básico, foi realizado em duas escolas: na Escola Básica de Góios e na Escola Básica de Rio de Moinhos, as quais pertencem ao Agrupamento de Escolas das Marinhas, situadas na freguesia de Marinhas, concelho de Esposende.

O estágio de inglês, no segundo ciclo do Ensino Básico, e o estágio de francês, no terceiro ciclo do Ensino Básico, foram realizados na Escola Básica do Baixo Neiva, Agrupamento de escolas das Marinhas, situada na localidade de Forjães, concelho de Esposende. A escola está organizada em dois espaços distintos, sendo que um se destina ao ensino pré-escolar e primeiro ciclo e o outro, mais distanciado, ao segundo e terceiro ciclos do Ensino Básico.

O espaço onde estão inseridos o segundo e terceiro ciclos não é um edifício muito recente, tem aproximadamente trinta salas, uma biblioteca, uma secretaria, uma sala para a direção da escola, uma sala para os professores, reprografia, pavilhão desportivo, um ringue para a prática de desporto, um polivalente e um refeitório equipado com cozinha e bar. Há também uma sala destinada à rádio da escola, a qual é da responsabilidade da associação de estudantes, colocando música durante todos os intervalos. É uma escola ampla, com muitos espaços verdes, muito bem tratada.

Apesar do edifício não ser novo, as salas estão muito bem equipadas, todas têm um quadro branco magnético e estão complementadas por um computador e quadro interativo. Ao longo do estágio, estes recursos permitiram-me desenvolver atividades mais dinâmicas promovendo a participação de todos os alunos, o que não seria possível se tivesse apenas à minha disposição o computador ou o quadro magnético. Devo salientar que os recursos disponíveis estiveram sempre em boas condições de funcionamento, sendo feita a manutenção dos mesmos com regularidade. Pontualmente quando estes não estavam disponíveis, os professores eram avisados com antecedência, tentando-se encontrar uma sala disponível para que estes pudessem usufruir dos mesmos. Aquando da planificação das atividades procurei criar uma simbiose entre os recursos disponíveis, com o intuito de despertar o interesse e motivação dos alunos, tendo sempre em conta a especificidade da turma.

Relativamente ao contexto socioeducativo, a maioria dos alunos que frequentam a escola são provenientes da localidade de Forjães e de S. Paio de Antas.

A prática educativa de inglês foi realizada no ano letivo 2013/2014, na turma B do quinto ano. Esta era composta por vinte alunos, sendo quinze destes do sexo feminino e cinco do sexo masculino, estando todos matriculados no quinto ano pela primeira vez e com idades compreendidas entre os dez e os onze anos. Estes alunos eram provenientes de um contexto socioeconómico médio baixo, com pais detentores de habilitações literárias

baixas, existindo algumas situações de famílias em situação de divórcio e de desemprego. O nível de aprendizagem da turma era satisfatório, no entanto, com o decorrer do estágio e à medida que a fui conhecendo, constatei que alguns alunos não estudavam em casa e, assim, houve uma preocupação de estabelecer estratégias que os motivasse a fazê-lo. Nesta turma havia um aluno identificado com necessidades educativas especiais, o qual beneficiava de apoio pedagógico personalizado; adequações curriculares individuais e adequações ao seu processo de avaliação.

A prática pedagógica de francês foi realizada no ano letivo de 2014/2015, na turma B do sétimo ano. Esta turma era composta por vinte e três alunos, sendo treze alunos do sexo feminino e dez alunos do sexo masculino, um dos alunos da turma frequentou o sétimo ano pela segunda vez. Estes tinham idades compreendidas entre os onze e os catorze anos. Tratava-se de uma turma com um nível geral de aprendizagem satisfatório, com alguns casos de alunos que não estudavam. Esta turma tinha um aluno identificado com necessidades educativas especiais, o qual beneficiava de apoio pedagógico personalizado; adequações curriculares individuais e adequações ao seu processo de avaliação. Este aluno não beneficiou de adequações curriculares na disciplina de francês, nem nas disciplinas de inglês e português.

A turma era na sua maioria faladora, os alunos distraíam-se com muita facilidade e não tinham hábitos de estudo em casa.

Com turmas cada vez mais heterogêneas, sendo que cada elemento da mesma, pela sua especificidade é diferente, é fundamental conhecer o seu contexto social. É basilar estabelecer uma relação de proximidade com os alunos, para que se consiga compreender o que se passa com estes quer no ambiente escolar, quer social. Tais informações permitiram, ao longo do meu estágio, conhecer melhor cada aluno e compreender determinados comportamentos que estes foram adotando ao longo da minha prática. Para tal, a reflexão constante quer sobre a minha postura, quer sobre a dos alunos, foi fulcral para repensar e adotar atividades que se adequassem à

especificidade de cada turma, com o intuito de motivar os alunos para a aprendizagem da língua.

Há uma relação muito boa entre alunos e docentes da escola, onde todos se conhecem e respeitam, devendo-se em parte, à abertura e estreita relação que a escola tem com a comunidade educativa. O facto de os diretores de turma solicitarem a presença constante dos encarregados de educação e não se limitarem às reuniões semanais ou de final de período, permite uma maior proximidade entre todos os agentes educativos.

Deste modo, esta proximidade permite que docentes, encarregados de educação e alunos trabalhem no mesmo sentido, repercutindo-se num melhor aproveitamento escolar dos alunos. Prova disso, são os bons resultados, de acordo com o contexto económico e social, que a escola obteve no ano transato a nível nacional.

A aprendizagem de uma língua estrangeira não se esgota no conhecimento da sua estrutura, esta engloba também aspetos culturais e sociais que se desenvolvem na interação entre os indivíduos. Logo, é basilar que em sala de aula se desenvolvam atividades, que permitam que os alunos se sintam à vontade para usar a língua sem receios, desenvolvendo estratégias comunicativas quer em grupo quer individualmente.

1.3. EXPETATIVAS RELATIVAMENTE À PRÁTICA EDUCATIVA

O estágio pauta-se sobretudo pela aprendizagem, que nunca se esgota, assim como pela constante reflexão, quer sobre a nossa prática, quer pela observação das aulas dos nossos cooperantes. Este é um processo complexo, em que nos deparamos constantemente com obstáculos. Particularmente, nestes momentos, temos de fazer escolhas e agir com consciência e rapidez, pois somos postos constantemente à prova, levando-nos frequentemente

ultrapassar alguns dos nossos receios e a enfrentar as nossas fragilidades. Ao longo dos estágios realizados, considero que fui capaz de enfrentar todos os obstáculos e receios com os quais me deparei, sendo que foi fundamental uma reflexão constante sobre as minhas ações e tomadas de decisão relativamente à minha planificação e postura em sala de aula.

No estágio de inglês, que realizei no segundo ciclo do Ensino Básico, tive a oportunidade de trabalhar com um par pedagógico, o que foi muito enriquecedor para a minha formação. O fato de poder assistir às suas aulas, e deste assistir às minhas, permitiu-nos ter uma percepção diferente da nossa postura em sala de aula, identificando e corrigindo alguns erros, assim como a reflexão constante em conjunto com a nossa cooperante sobre as nossas regências nos permitiu evoluir enquanto aprendentes.

Quando comecei este estágio no segundo semestre, deparei-me com uma situação nova dado que não tinha par pedagógico, uma vez que este interrompeu a sua prática. Face a esta nova situação, tentei ter sempre um olhar crítico sobre a minha ação, numa tentativa de melhorar, tornando-me assim mais autónoma. Embora não tenha sido fácil, tentei fazer sempre uma análise imparcial sobre a minha postura em sala de aula, que me permitiu ter uma visão diferente quer sobre mim enquanto docente, quer sobre a turma e, que foi basilar para as decisões que fui tomando ao longo da minha prática.

No estágio de francês, já estava perfeitamente inserida na escola, no entanto não conhecia a turma, que à semelhança das outras, me aceitou e recebeu bem desde o início. Logo me apercebi que a maioria dos alunos eram desinibidos e participativos, não revelando receio em participar na aula, nem de cometer erros e esforçando-se constantemente para usar a língua estrangeira.

Num determinado momento do estágio, os alunos estavam constantemente a conversar e distraídos. Quando me deparei com esta situação, conversei com a minha cooperante, no sentido de tentar perceber que razões levaram a que o comportamento da turma se tivesse alterado. Abordámos então a diretora de turma para a colocar ao corrente do que se estava a passar, que nos falou

de algumas situações particulares que estavam a acontecer na turma. Nomeadamente, que uma das alunas estava com problemas familiares e que relativamente aos outros alunos, este comportamento também se verificava noutras disciplinas. Decidimos então, ser mais compreensivas com esta aluna que estava a passar por uma situação complicada e atribuir algumas tarefas aos alunos que se distraíam. Assim, pedi-lhes que ao longo da aula fossem registando o nome dos alunos que estavam distraídos e a perturbar a mesma, atribuindo-lhes assim alguma responsabilidade e dando-lhes um voto de confiança. Alterámos também um pouco a rotina da aula - recorria a um saco com números para nomear um aluno para realizar uma determinada tarefa - comecei por entregar, no início da aula, o saco a um aluno, passando este por todas as mesas, sendo que quando necessário eram eles a fazê-lo. Com estas pequenas e simples tarefas, os alunos sentiram que confiava neles e que acreditava que eles eram capazes de ser responsáveis, sendo notória a melhoria do seu comportamento. Foi visível a crescente motivação, participação e empenho destes ao longo das aulas.

É essencial conhecer a turma, cada elemento da mesma e o seu contexto social, no sentido de compreender a sua postura e comportamento em contexto de sala de aula. Portanto, ao longo do processo de ensino-aprendizagem, para motivar os alunos para a aprendizagem de uma língua estrangeira, é necessário compreender o que se passa com eles quer socialmente, quer no ambiente escolar, quer exterior a este. Só havendo uma análise contínua da turma e de cada indivíduo é possível criar uma dinâmica de sala de aula facilitadora da aprendizagem.

O professor é o principal responsável pelo seu desenvolvimento profissional, assim este deve ser capaz de enfrentar os problemas com os quais se vai deparando, ter a capacidade de resolver situações imprevistas, de criar e recriar estratégias e recursos ao longo da sua prática.

Ao longo da prática letiva, é necessária uma reflexão constante sobre a nossa postura e abordagem em sala de aula, assim como é determinante criar condições que permitam desenvolver a autonomia e responsabilidade dos

alunos, para que a aprendizagem das línguas estrangeiras seja motivadora e eficaz. Como tal,

o professor de hoje, a escola de hoje, não podem aceitar ser meros transmissores de um saber a reproduzir, têm de encontrar-se na sua missão facilitadora de uma descoberta pessoal do saber, têm de ser capazes de criar condições para que os alunos, cada aluno, queira e possa assumir o grau de autonomia e decisão que uma abordagem de sentido autodirigido lhe impõe como via de acesso à educação que, dado o seu carácter permanente, não se pode confinar ao espaço circunscrito pela educação formal escolarizada.

(Andrade & Araújo e Sá, 1992, p.8)

Os alunos devem ser capazes de refletir sobre as suas aprendizagens, tendo a perceção da sua evolução enquanto aprendentes, sendo capazes de alterar a sua postura ao longo das mesmas, criando estratégias adequadas ao que estão a aprender, contribuindo assim, para que estes se tornem mais responsáveis e independentes ao longo da sua aprendizagem.

2. O JOGO: CONDIÇÕES FACILITADORAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE

2.1. A INTERCOMPREENSÃO EM CONTEXTO DE SALA DE AULA

A intercompreensão é uma abordagem interdisciplinar que permite aos alunos mobilizar todos os seus conhecimentos na descoberta de novas línguas e dos seus aspetos culturais. (Andrade & Sá, 2003, p.16). Esta contribui para

que os alunos mobilizem os seus saberes, experiências e atitudes no processo de aprendizagem, que cruzem os conhecimentos adquiridos nas diferentes línguas, criando estratégias para se fazerem compreender e serem compreendidos, estando assim em contato com novas formas de comunicação. Prepara os indivíduos para a diversidade e para o respeito de outras línguas e culturas, para uma maior abertura relativamente ao outro e à diferença, o que só será possível se houver disponibilidade para conhecer melhor outras línguas e a sua cultura.

O conhecimento mais aprofundado de outras culturas permite aos alunos conhecer melhor a sua própria cultura e os valores inerentes à mesma, abrindo-se em simultâneo a outras. Estar aberto a outras culturas e valores não implica abdicar ou perder a sua, mas sim estabelecer comparações entre elas e enriquecer-se. Neste sentido,

(...) uma formação *em e para* a Intercompreensão pode constituir uma excelente oportunidade para analisar, discutir e experimentar questões cruciais que atualmente se levantam à DL no âmbito das sociedades plurais em que habitamos e nos quais procuramos ... aprender a viver uns com os outros, também através das nossas línguas e culturas.

(Araújo e Sá, 2013, p.82-3)

A intercompreensão pode ser uma estratégia de ensino/aprendizagem que mobiliza conhecimentos linguísticos e culturais, adquiridos na língua materna e noutras línguas. Ao ampliar o número de línguas estrangeiras aprendidas, fomenta-se uma maior compreensão da diversidade, diferença e respeito pelo outro, desenvolvendo-se, deste modo, uma competência intercultural. Para além disso,

tenta transmitir uma visão positiva da diversidade linguística e cultural e pretende levar os aprendentes a reorganizar e transferir o seu conhecimento

linguístico e cultural e as suas capacidades linguístico-comunicativas, de forma a desenvolver uma competência comunicativa, que se quer plurilingue.

(Andrade A. & Sá C., 2003, p.16)

Os aspetos culturais devem ser vividos na sala de aula, onde a aceitação da diversidade deverá tomar lugar, sendo fundamental consciencializar os alunos para a diferença e para a diversidade. Deste modo, é necessário estabelecer estratégias de aproximação e inclusão na aprendizagem de línguas, devendo haver um contato ativo com a outra cultura. Cabe ao professor utilizar a diversidade cultural da sua turma, de forma a desenvolver a interculturalidade.

“The learning experience of every student and the effectiveness of every teacher is influenced by what goes on among and between the people who populate the classroom.”(Ehrman & Dörnyei, 1998, p.5). Assim, o processo de aprendizagem é enriquecido pelas relações interpessoais estabelecidas na sala de aula. Um professor que tenta perceber a dinâmica do grupo, é capaz de promover aprendizagens bem sucedidas. Estas relações interpessoais dentro da sala de aula influenciam de forma significativa o processo de ensino aprendizagem, tendo este duas perspetivas diferentes. Por um lado, um grupo coeso promove a eficácia individual dos seus membros, em que a diversidade do mesmo é um benefício vantajoso para todos, onde todos se envolvem potenciando a interação entre si, dissipando o medo de correr riscos aquando do uso da língua estrangeira. Por outro lado, um grupo pobre, pouco recetivo e não aberto à língua estrangeira, cria estereótipos relativamente à aprendizagem da mesma. Consequentemente, os alunos, quando usarem a língua alvo, sentir-se-ão frágeis e ansiosos, não só devido às suas intervenções, mas também à perceção que os seus colegas terão de si - de como serão vistos pelos outros.

Neste sentido, o reconhecimento e o respeito são essenciais, sendo que o professor tem o poder de estabelecer esta premissa, no entanto esta também deverá partir dos elementos do grupo. O reforço positivo e o envolvimento de

todos em sala de aula têm impacto tanto no aluno como indivíduo, como no aluno enquanto membro do grupo, promovendo a disponibilidade de cada um para estabelecer relações interpessoais.

Com turmas cada vez mais heterogêneas, é basilar que se promova o contato dos alunos com outras culturas, para que exista uma maior abertura perante a diversidade e o outro, contribuindo assim para que os alunos se respeitem e compreendam.

Sendo que em contexto de sala de aula, há um contato mais próximo entre os alunos, ao usarem a língua estrangeira, estes estão a expor-se perante os seus colegas e perante o professor. Assim é fundamental que exista uma boa relação entre todos, para que estes não se sintam inibidos para se expressarem oralmente, quer entre si, quer com o professor, em atividades individuais, de pares ou de grupo.

2.2. ABORDAGEM COMUNICATIVA E O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

O ensino de uma língua estrangeira deve ser abrangente, deve explorar todas as formas de uso da mesma. Assim, o ensino de uma qualquer língua estrangeira não se esgota no ensino da estrutura da mesma, pois este é influenciado por situações que estão a acontecer num determinado momento e contexto, esperando-se que as atividades realizadas ao longo do mesmo sejam o mais próximas quanto possíveis de situações reais. Tal como referido no Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas, 2001, dever-se-á usar uma abordagem direcionada para a ação, onde os discentes são vistos como atores sociais. Uma aprendizagem centrada no aluno, onde os aspetos afetivos e socioculturais acabam por influenciar a aprendizagem dos mesmos. Por conseguinte, o professor de hoje não pode ser apenas um mero transmissor de conhecimentos, mas sim um facilitador, funcionando como um

intermediário entre o saber e o aluno. O docente analisa o que se passa na sala de aula e, a partir do nível de aprendizagem dos alunos, planifica e define estratégias a usar ao longo das mesmas.

É imperioso que o professor se conheça bem a ele próprio e que reflita constantemente acerca da sua postura na sala de aula, bem como da sua relação com os alunos. Deverá ser capaz de se avaliar, no sentido de constatar o que pode ser aperfeiçoado, com o intuito de melhorar quer a sua prática, quer as aprendizagens dos alunos. Deve ser capaz de comunicar com os seus alunos promovendo o diálogo, de organizar a sala de aula, assim como dar um seguimento lógico às suas atividades, captando a atenção de todos os envolvidos e estabelecendo uma boa relação com os mesmos.

Hoje, a linguagem desenvolve-se para incrementar funções sociais, implicando a interação entre os indivíduos, estabelecendo-se assim o uso comunicativo da linguagem.

A abordagem comunicativa apoia-se sobretudo na aprendizagem do saber verbal, recorrendo a tudo e não excluindo nada; é imprevisível e pressupõe que exista constantemente negociação. Neste sentido, a abordagem comunicativa “(...)pretende abarcar o fenómeno verbal em toda a sua complexidade e diversidade funcional, para dar conta do seu real funcionamento significativo.” (Andrade, A. & Araújo e Sá, M., 1992, p.19).

Tal como Andrade e Araújo e Sá (1992) referem, Vygotsky é uma referência na abordagem comunicativa, defendendo que a aquisição da linguagem se faz a partir de situações diferentes, nomeadamente a social e a cognitiva (cf. Vygotsky, 1985). Quando um aluno realiza uma atividade de interação, está a criar diferentes usos de uma língua em contexto de sala de aula, que permitem enriquecer todos os tipos de discurso possíveis de se realizar numa aula.

A Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky refere que o progresso das aprendizagens dos alunos depende da confrontação das mesmas com os conhecimentos que estes possuem, apesar de ainda não completamente dominados.

O professor é um agente pedagógico, que se interessa pela construção do saber do aluno, sendo que esta construção deve ser realizada através das constantes produções verbais dos mesmos. Beneficiar dos conhecimentos verbais é basilar, pois ajudam-nos a ter uma competência em língua estrangeira mais abrangente.

Aquando da seleção de conteúdos, a abordagem comunicativa recorre a situações de comunicação em contextos reais, usando documentos autênticos que permitam criar situações efetivas de comunicação em língua estrangeira. É premente colocar em prática, entre outras, atividades que fomentem a interação, que possibilitem aos alunos apropriar-se das suas aprendizagens, permitindo-lhes alargar situações de comunicação e desempenhar, gradualmente, situações mais complexas, dando-lhes a oportunidade de progredir enquanto aprendentes. Como tal, cabe ao professor permitir que os alunos desempenhem atividades comunicativas mais ricas e complexas, sendo este o principal responsável para que tais atividades sejam levadas a cabo.

Cabe ao professor refletir sobre as atividades a propor na sala de aula, sendo que estas devem ser úteis e rentáveis, tendo um significado real que contribua para a competência comunicativa em língua estrangeira. Estas atividades pressupõem que o professor esteja atento ao progresso de aprendizagem dos seus alunos, no sentido em que aquando da sua implementação estas sejam eficazes.

É expectável que os alunos estejam atentos ao seu progresso na aprendizagem, acompanhando o seu processo de avaliação, de forma a conseguirem ter a perceção da evolução das suas aprendizagens ao longo do tempo, tornando-se eles próprios mais responsáveis e autónomos.

Este processo, naturalmente, deve ser acompanhado pelo professor, dado que os alunos sozinhos não são capazes de se avaliar. Para que tal seja exequível, o professor deve fornecer aos seus alunos critérios de autoavaliação que devem ser monitorizados ao longo do ano. É basilar que lhes sejam transmitidas informações sobre a sua evolução enquanto aprendentes, ajudando-os assim a gerir os seus métodos de estudo.

A abordagem comunicativa, pela sua especificidade, pressupõe que se implementem novas formas de avaliação, sendo que já não se avalia apenas a estrutura da língua, mas as capacidades individuais em situações de comunicação, assim como a capacidade do aluno interagir comunicativamente em situações diversificadas (Andrade & Araújo e Sá, 1992). A avaliação não se limita ao uso correto da língua, mas sim à capacidade do aluno conseguir comunicar em língua estrangeira, assim como de colmatar em tempo real as barreiras com as quais se depara, sendo capaz de compreender mensagens e de se fazer entender.

Não cabe ao professor avaliar apenas as atividades comunicativas, este deve também ter em conta as atitudes e valores, o método de trabalho e comportamento de cada aluno. A avaliação é contínua, resultando essencialmente das atividades que se vão desenvolvendo na sala de aula, mas sobretudo das opções e decisões que o professor vai tomando ao longo da sua prática. Este, por vezes, tem que rever se a metodologia usada se adequa à especificidade da turma, assim como, com o decorrer das atividades propostas para uma determinada aula, tem no momento em que as mesmas se estão a realizar, de refletir sobre a sua planificação e adaptá-la ao ritmo e particularidade do grupo.

A progressão e sucesso do aluno não são exclusivamente da responsabilidade do professor. É também responsabilidade do aluno empenhar-se e participar ativamente, quer nas atividades propostas, quer na aprendizagem da língua estrangeira.

“ A abordagem comunicativa é uma nova forma de conceber o fenómeno de ensino/aprendizagem que renega o absoluto, o dito de uma vez por todas, o modelo, reintegrando o recente no antigo, numa simbiose do tradicional com o inovador.” (Andrade & Araújo e Sá, 1992, p.243)

Esta abordagem não se esgota em si própria, está aberta a tudo, sendo que muitas vezes as atividades realizadas baseiam-se em práticas de outros métodos, trabalhando assim em espiral, adaptando-se a novas formas de comunicar, com o intuito de responder às necessidades dos alunos.

O ensino de uma língua estrangeira é um processo contínuo, onde é fundamental apoiar os alunos ao longo do mesmo. É basilar que estes sejam capazes de comunicar através da língua que estão a aprender, que tenham a perceção da sua evolução enquanto aprendentes e que se sintam apoiados quer na análise da mesma, quer para contornar eventuais barreiras com que se possam deparar.

Cabe ao professor encorajar e guiar os seus alunos ao longo da sua aprendizagem, criando momentos de reflexão para que estes possam desenvolver estratégias que se adequem ao que estão a aprender, tornando-se mais autónomos e responsáveis. Para que este processo seja bem sucedido, cabe aos alunos e ao professor trabalhar no mesmo sentido.

2.3. A AUTONOMIA DOS ALUNOS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

É fundamental a reflexão crítica ao longo da prática pedagógica, como tal, em determinados momentos o professor deve distanciar-se da mesma, para que esta seja efetiva e objeto de análise. Esta análise permitir-lhe-á ter a perceção do seu desempenho em sala de aula e conseqüentemente conhecer-se melhor, para que seja capaz de melhorar e mudar a sua prática.

O professor tem que se conhecer enquanto indivíduo, mas também tem que ter conhecimento do seu desempenho no seio do grupo, bem como perante cada membro. Para que tal aconteça, este tem que reconhecer que não é dono da verdade, que o saber não é absoluto, que se vai construindo ao longo da prática, através das suas atitudes perante os outros e das atitudes dos outros para com ele. Este deve ter a perceção de que os seus atos dentro da sala de aula, não são só significativos para o grupo, mas para cada aluno em particular. Ensinar não passa só por transferir saber, mas também por conhecer melhor os alunos e as suas aspirações perante a escola.

Tal como Vieira refere, os alunos mais autónomos permitem que o processo de ensino aprendizagem seja mais humano e satisfatório, fomentando a reflexão crítica destes. Logo, “Se valorizarmos a emancipação (inter)pessoal e a transformação social como objetivos educacionais, a autonomia torna-se um interesse coletivo e uma ideia democrática, sendo a autonomia do professor e do aluno vistas como dois lados da mesma moeda.”(Vieira, 2009, p.20). É basilar que os alunos reflitam sobre as suas aprendizagens, para que tenham a perceção da sua evolução enquanto aprendentes, assim como o professor reflita sobre a sua postura e abordagem em sala de aula. Desenvolver uma atitude de responsabilidade e autonomia nos alunos requer não só uma alteração da postura do aluno, mas também do professor. Dentro da sala de aula, tanto o professor como cada membro do grupo têm uma identidade cultural diferente.

“There will be several paths to success depending on the individual’s style.” (Rubin, 1987, citado por Wolff, 2009, p.106). Neste sentido, o ritmo de aprendizagem dos alunos difere de indivíduo para indivíduo, logo, cada turma, terá características diferentes de acordo com as especificidades do grupo. Em contexto de sala de aula, a aprendizagem não é feita isoladamente, os alunos estão em contato com os seus colegas e é fundamental que estes possam trabalhar com os seus pares por forma a serem mais independentes.

Para que estes possam tomar decisões ao longo do processo de ensino-aprendizagem e se possam envolver ativamente no mesmo, é primordial que o professor o organize nesse sentido. Cabe-lhe estimular e encorajar os alunos para que estes se sintam mais confiantes e percam o medo de cometer erros na língua alvo, fomentando uma participação ativa destes nas atividades propostas dentro e fora da sala de aula.

É premente criar estratégias que facilitem a participação dos alunos, - estimulando a confiança e ajudando-os a perder o medo de errar quando usam a língua alvo – tal só é possível se houver uma reflexão e olhar crítico constante sobre as metodologias e abordagens implementadas em sala de aula.

Tal como Paulo Freire refere, “*saber não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.*” (Freire, 2012, p.55). Para que a aprendizagem seja mutua entre professor-aluno e aluno-professor, cabe ao professor não só ensinar mas também construir conhecimento. Cabe-lhe fazer uma gestão eficaz da sua liberdade e autoridade, assim como da liberdade dos seus educandos, pois se tal acontecer em simultâneo, permite que estes se tornem mais autónomos.

“...o espaço pedagógico é um *texto* para ser constantemente “lido”, interpretado, “escrito” e “reescrito”.” (Freire, 2012, p.89) Deste modo, o professor deve analisar constantemente a sua postura em sala de aula e a leitura que os alunos fazem de si. Deve, igualmente, saber escutar e despertar a curiosidade nos discentes, ser capaz de os motivar para intervir e participar ativamente nas suas aulas. Não lhe cabe transmitir apenas os conteúdos com clareza para que a aprendizagem seja efetiva.

Tal como Paulo Freire refere em *Pedagogia da autonomia*, 2012 “ensinar não é transmitir conteúdos”, o ensino e a aprendizagem estão estreitamente relacionados com a capacidade comunicativa do professor em fazer com que os seus educandos compreendam os conteúdos, assim como, o esforço dos alunos para que exista aprendizagem.

A aprendizagem cooperativa é caracterizada por um ambiente otimista em sala de aula, onde todos trabalham no mesmo sentido. Um aluno pode ter sucesso na sua aprendizagem sem diminuir as hipóteses de outro ser bem sucedido, pois todas as atividades são centradas na cooperação onde se partilham ideias. Esta promove atitudes positivas, aumenta a motivação dos alunos, melhora a relação entre professor-aluno e aluno-aluno, assim como melhora a autoestima dos alunos.

Cabe ao professor transformar o aluno num agente da sua própria aprendizagem, criando na aula momentos que lhe permitam refletir sobre as suas aprendizagens, identificando os conhecimentos adquiridos e aspetos a melhorar, tornando-o assim mais seguro, permitindo que se criem momentos de interação mais espontâneos.

A autonomia deve ser construída numa parceria entre aluno e professor.

2.4. A INTERAÇÃO NA SALA DE AULA

A sala de aula poderá ser o ponto de partida para que alunos e professores se encontrem e se envolvam na construção e partilha do conhecimento. Tal como citado em *Process and experience in the language classroom*, 1991, Breen define a cultura da sala de aula

It is an 'arena of subjective and intersubjective realities which are worked out, changed, and maintained. And these realities are not trivial background to the task of teaching and learning. They locate and define a new language itself...and they continually specify and mould the activities of teaching and learning'.

(Breen, 1985, citado por Legutk, M. & Thomas, H., 1991, p.13)

Como tal, os intervenientes desempenham papéis distintos, sendo que os alunos trazem consigo não só a sua vontade de aprender uma língua, mas também contribuem no processo de ensino aprendizagem através dos conhecimentos que adquiriram anteriormente. Deste modo, no seu sentido mais amplo, são as experiências pessoais e sociais dos alunos, o contacto com a língua e a cultura que estão a aprender, os seus valores, a forma como olham os outros e a diferença. Engloba também o método de trabalho, as suas estratégias de aprendizagem, expectativas perante as mesmas, a sua atitude perante a escola, perante o professor, a sua vontade de comunicar, as suas inibições que derivam de variáveis que não estão envolvidas no processo de aprendizagem.

Logo, o ensino e o bom desempenho dos alunos, não são exclusivamente da responsabilidade do professor, dado que este não pode forçar a aprendizagem, mas sim proporcionar um ambiente que encoraje e guie os alunos para que tal aconteça.

No processo de ensino e aprendizagem de uma língua, o professor participa ativamente no mesmo para que a aprendizagem seja efetiva. As suas preferências, o seu conhecimento, a sua flexibilidade, as suas vivências pessoais e profissionais, são fatores que acabam por influenciar o mesmo.

Nas últimas décadas houve uma mudança de paradigma no que concerne ao ensino de línguas estrangeiras. Desenvolveram-se programas para o ensino e aprendizagem de línguas, assim como para a formação de professores. Ao longo dos mesmos um dos conceitos que surgiu foi a noção de competência comunicativa. Como tal, “deixamos de falar de professores que ensinam e aprendentes que aprendem, mas onde todos contribuem para a gestão da aprendizagem de todos (incluindo eles próprios, e os professores, claro)” (Allwright, 1984, citado por Legutke & Thomas, 1991, p.17).

Hoje a aprendizagem de uma língua estrangeira não se centra numa aula dominada pelo professor, por textos e estruturas gramaticais. A sala de aula é um local onde alunos e professores interagem e constroem um ambiente social com os seus próprios procedimentos, onde o potencial comunicativo é explorado para que exista aprendizagem. O grande desafio pauta-se, sobretudo, em criar um ambiente de aprendizagem entre professor e aprendentes, onde se pretende que exista interação. Contudo, para que esta seja mobilizada em sala de aula, é necessário ter em conta a especificidade do grupo, as limitações do mesmo, assim como o tema a ser discutido.

O grau de participação de um aprendente de língua estrangeira depende da sua autonomia, de correr riscos, - havendo a possibilidade de cometer erros linguísticos - da participação do professor, cabendo-lhe dar alguma autonomia e responsabilidade aos seus alunos.

Ao longo da aprendizagem o aluno também deve ter a perceção da sua evolução, para que possa ao longo deste processo colmatar eventuais

dificuldades ou aprofundar o seu conhecimento relativamente à língua que está a aprender, tornando-se assim um aluno autónomo.

Tal como Lier refere em *Interaction in the language curriculum*, 1997, apesar de hoje, na sala de aula, alunos e professores interagirem, encontram-se algumas restrições institucionais que o sistema impõe, sendo que, por norma, este defende que quem deve ter o poder da palavra são os responsáveis por desenvolver tarefas para a instituição, ou seja, os professores.

Com o intuito de manter a ordem na sala de aula, para permitir uma participação regulada dos alunos e evitar que a aula seja muito barulhenta e se instale o caos, normalmente, é o professor quem possui a palavra a maior parte do tempo. Nesta perspetiva, o professor adota esta postura para que a aula seja conduzida de forma regular, no entanto, ao fazê-lo, está a conduzir os alunos numa determinada direção, reduzindo assim o espírito de iniciativa dos mesmos, limitando-os ao desenvolvimento de estratégias que lhes permitam tomar a palavra ao longo de uma conversa.

Uma sala de aula, onde é o professor que detém a palavra e determina quem pode usar a mesma, poderá acabar por condicionar situações naturais de diálogo ou de conversa, desencorajando assim os alunos para o uso da língua estrangeira, sendo necessário haver uma mudança na forma através da qual alunos e professores interagem.

É fundamental implementar na sala de aula um clima positivo, onde os alunos são constantemente encorajados e apoiados, para que estes se expressem oralmente, sem medo de enfrentar as suas dificuldades. Cabe ao professor permitir que os alunos possam intervir ativamente ao longo da aula usando a língua estrangeira, desempenhando em simultâneo o papel de gestor e observador, dando o espaço essencial aos alunos e intervindo apenas quando necessário.

O diálogo na sala de aula é fundamental, despertando nos alunos uma maior participação e pensamento crítico, no fundo uma educação mais democrática, onde todos se envolvam ativamente na construção do

conhecimento, potenciando-se assim situações de comunicação natural e espontânea que incentivam os alunos a interagir usando a língua que estão a aprender.

2.5. A INTERAÇÃO ORAL

De acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, 2001

o uso de uma língua abrangendo a sua aprendizagem inclui acções realizadas pelas pessoas que, como indivíduos e como atores sociais, desenvolvem um conjunto de **competências** gerais e, particularmente, **competências comunicativas em língua**. As pessoas utilizam as competências à sua disposição em vários contextos, (...) Para tal, ativam as estratégias que lhes parecem mais apropriadas para o desempenho de tarefas a realizar. (...)

(Quadro Europeu de referência Comum para as Línguas, 2001, p.29).

Portanto, o ensino de uma língua estrangeira deve abranger todas as formas de uso e de aprendizagem da mesma, para que os alunos, num determinado momento e situação, sejam capazes de comunicar usando a língua alvo.

Tal como referido no mesmo quadro de referência, a aprendizagem de uma língua estrangeira inclui o conhecimento declarativo, a competência de realização, a competência existencial e a competência de aprendizagem (Quadro Europeu de referência Comum para as Línguas, 2001, p.31).

Ao longo da sua aprendizagem, os alunos desenvolvem estratégias que lhes permitem realizar determinadas tarefas, no entanto esta aprendizagem só será efetiva se as tarefas propostas no decorrer desta forem diversificadas e graduais, com sequência, permitindo aos alunos melhorar as suas aprendizagens.

O documento supracitado refere que a competência comunicativa em língua pressupõe várias atividades linguísticas, quer na oralidade, quer na escrita. Quando existe comunicação há intrinsecamente recepção, produção, interação e mediação (Quadro Europeu de referência Comum para as Línguas, 2001, p.35).

A recepção prende-se sobretudo a atividades de compreensão, quer de enunciados, quer de uma mensagem que é transmitida. A produção pode ser oral ou escrita, permitindo ao aprendiz expressar-se, quer oralmente, quer por escrito.

A mediação permite que a comunicação seja possível entre pessoas, que por variadas razões não podem comunicar diretamente e que precisam de um intermediário para compreender o conteúdo da mensagem que lhes é transmitida.

A interação pressupõe que existam no mínimo dois interlocutores que comuniquem entre si, sendo que esta pode ser oral ou escrita. Esta desempenha um papel fundamental na aprendizagem de uma língua estrangeira, pois permite aos alunos criar estratégias que lhes possibilitem aplicar as suas aprendizagens no imediato, assim como contornar algumas das barreiras linguísticas com as quais se deparam nesse momento.

Tendo por base o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (2001, p.89-90), a comunicação e a interação estão estreitamente ligadas, no sentido em que quando dois ou mais falantes de uma língua estão a interagir, estes desempenham em simultâneo o papel de recetores e produtores. Ao longo da conversa, os intervenientes na mesma desempenham o papel de falantes e ouvintes, criando estratégias que lhes permitam compreender, mas também ser capazes de estar à altura de transmitir a mensagem pretendida. Estes devem ser capazes de enfrentar e contornar as dificuldades com que se deparam ao longo de todo este processo, tornando-o o mais espontâneo possível.

Sendo estas situações frequentes no nosso quotidiano, é fundamental que os alunos de línguas estrangeiras estejam em contacto, ao longo das suas

aulas, com atividades que fomentem a interação oral, permitindo-lhes enfrentar e ultrapassar algumas das suas barreiras linguísticas, facilitando e preparando-os melhor como falantes de uma língua.

Há pequenas tarefas que podem ser implementadas em contexto de sala de aula e que favorecem a comunicação, implicando que os aprendentes de uma língua estrangeira sejam capazes de se exprimir quer oralmente, quer por escrito, por forma a serem compreendidos pelos seus pares.

“As tarefas pedagógicas comunicativas (ao contrário dos exercícios que dão destaque especificamente à prática descontextualizada de formas) pretendem envolver activamente os aprendentes numa comunicação real, são relevantes (aqui e agora no contexto real de aprendizagem), são exigentes mas realizáveis(...)e apresentam resultados identificáveis(...)”

(Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, 2001, p.218)

Como tal, estas permitem que os alunos desempenhem atividades similares em situações com as quais se poderiam deparar em contexto real, repercutindo resultados a curto prazo.

A realização de uma tarefa comunicativa em sala de aula implica que os alunos sejam capazes de comunicar na língua estrangeira que estão a aprender, mas que também sejam capazes de compreender quer a tarefa, quer o que lhes é transmitido ao longo da mesma. As tarefas devem ser, assim, adequadas ao nível de aprendizagem e capacidades dos aprendentes.

As Metas Curriculares de Inglês, para o segundo Ciclo do Ensino Básico (Cravo, Bravo, & Duarte, 2013, p.4), são uma referência para os professores ao longo da sua prática. As mesmas foram elaboradas pelo Ministério da Educação e Ciência e seguem as recomendações dos documentos europeus para o ensino, por forma a desenvolver a competência comunicativa dos alunos. Estas mencionam que muitas vezes o primeiro contato dos discentes com uma língua estrangeira é estabelecido com o professor, cabendo a este fomentar a interação oral. Pretende-se que os alunos sejam capazes de

comunicar uns com os outros de forma contextualizada, o mais natural possível. O professor deve fomentar a interação, quer entre si, quer entre os alunos, usando atividades diversificadas e aproximadas de contextos reais.

De acordo com a especificidade da turma, em determinadas situações e à medida que as atividades se desenvolvem em contexto de sala de aula, mesmo que o professor identifique alguns erros de estrutura gramatical, este não deve intervir, contribuindo para que os alunos com pouca autoestima se sintam mais motivados.

Uma atividade de interação oral deve ser natural, onde os aprendentes de uma língua devem ser capazes de compreender e produzir uma mensagem, contornando possíveis barreiras linguísticas com as quais se possam deparar ao longo da mesma.

Numa atividade de produção oral, o aprendente de uma língua estrangeira produz um texto oralmente, sendo capaz de descrever ou expor algo que vai ser ouvido por uma ou mais pessoas. Este texto é preparado previamente, tendo o aprendente a oportunidade de gerir e explorar os seus domínios da língua, por forma a assegurar o êxito da intervenção e desta forma minimizar as suas fraquezas. As atividades de produção oral permitem ao aluno não só sentir-se mais confiante e à vontade quando usa a língua estrangeira, pois este tem a oportunidade de minimizar o erro, mas também desenvolver a oralidade com as apresentações levadas a cabo pelo mesmo.

Tal como citado em *Didática da língua estrangeira*, 1992 “pouvoir communiquer dans une langue, c’est être capable de faire face à l’imprévisible, et même paradoxalement, le prévoir.” (Richtrich, 1985, 1992, p.66). Numa situação de interação oral há sempre uma grande imprevisibilidade por parte dos intervenientes da conversa, tornando esta atividade diferente de todas as outras, dado que as outras não são tão imprevisíveis. O uso desta atividade implica que o professor crie um ambiente propício para tal. Ao participar na mesma, os alunos sentem-se muito expostos, sentindo-se muitas vezes inseguros devido à sua imprevisibilidade, assim como ao medo de cometer erros linguísticos, o que acaba por inibi-los.

É fundamental que estes se sintam à vontade, cabendo ao professor adotar uma postura de observador, não intervindo quando os alunos usam expressões erradas, respeitando o decorrer da conversa, mesmo que por vezes os intervenientes da mesma estejam algum tempo a refletir sobre o que pretendem dizer. Ao longo das aulas, devem-se fomentar situações mais frequentes e espontâneas de interação oral, usando a língua alvo, entre aluno-aluno e professor-aluno, para que os discentes se sintam mais confortáveis aquando da realização deste tipo de tarefas.

Quando estas atividades são realizadas em sala de aula, por vezes, inconscientemente, os professores acabam por não facultar aos alunos o tempo desejável para a realização das mesmas, sendo este fulcral para que os mesmos sejam capazes de ultrapassar algumas barreiras e dificuldades com que se deparam ao longo destas. Há fatores que influenciam o professor a atuar neste sentido, sendo um deles o reduzido número de aulas semanais.

O processo interativo pressupõe que se estabeleçam práticas pedagógicas em que professor e aluno se envolvam mutuamente ao longo da aprendizagem. Este não é linear, faz-se em espiral, mobilizando todos os conhecimentos que o aluno adquire ao longo da sua aprendizagem, e em vários níveis de progressão baseados na interpretação e expressão de sentido.

A interação presume que os alunos transponham estratégias de interpretação usadas na sua língua materna para a língua estrangeira. Estas ajudam-lhes a compreender a mensagem que é transmitida, sendo de expressão, onde o aluno se tenta exprimir de forma clara, para que a sua mensagem seja compreendida e de negociação, na qual dois ou mais indivíduos trabalham mutuamente para produzir e compreender um discurso claro.

Caracterizando-se a interação oral pela sua imprevisibilidade, é essencial desenvolver estratégias para que os alunos se sintam à vontade ao usar a língua alvo, quer entre os seus colegas, quer com o professor em sala de aula. Ao serem estabelecidas atividades que permitem aos alunos colocar em prática todas as suas aprendizagens de forma descontraída, mobilizam-se

assim todos os seus conhecimentos em língua estrangeira naquele momento e realidade única.

2.6. INTERAÇÃO E *ROLE-PLAY*

A interação é um processo aberto e imprevisível que faz parte integrante do processo comunicativo, onde todos os aprendentes devem participar para que esta seja levada a cabo. Aquando da realização de atividades interativas, os alunos partilham informação entre si, estão constantemente a negociar significados, adotando estratégias para se expressarem de forma clara na língua alvo e compreenderem a mensagem que a/as pessoa/as com quem estão a interagir lhes está ou estão a transmitir. Como tal, "(...) quando duas pessoas entram em interação, cada uma delas está constantemente a interpretar os seus atos e os da outra e reagindo, voltando a interpretar, voltando a reagir, etc."(Delamont, 1987, p.38). Assim, a atividade está focada diretamente no aluno e nos seus participantes. Estas atividades pressupõem que os alunos se exponham diretamente, quer à língua, quer ao grupo, tornando-se assim mais espontâneas e próximas da realidade.

Numa atividade de *role-play*, propõe-se aos alunos que construam um diálogo com características pré-definidas, às quais estes devem seguir uma estrutura, uma espécie de guião, interpretando um papel.

Tal como Carol Livingstone refere em *Role play in language learning*, 1985

role play is therefore a classroom activity which gives the student the opportunity to practise the language, the aspects of the role behaviour, and the actual roles he may need outside the classroom. ... we must therefore

help our students to a broad awareness and understanding of role-behaviour, and give them extensive practice in using this knowledge.

(Livingstone, 1985, p.6)

Neste sentido, os alunos têm igualmente a oportunidade de usar a língua alvo, no entanto não expõem a sua realidade, limitam-se a desempenhar um papel que lhes foi imposto através de um enunciado.

Ao desempenhar este papel, os alunos estão a distanciar-se de uma situação real, dado que o que lhes é proposto na atividade pode não corresponder a um comportamento ou situação que estes adotariam em situações normais, tendo que haver um distanciamento constante da sua identidade da do papel que estão a desempenhar. Aqui os alunos funcionam como atores, sendo que não têm que enfrentar a imprevisibilidade que uma atividade de interação pressupõe.

Naturalmente, as instruções dadas pelo professor aquando da proposta e estabelecimento de regras relativas à realização de uma atividade de interação oral, podem limitar o objetivo da mesma. Então cabe a este criar atividades simples, para que os alunos tenham a oportunidade de usar as estruturas aprendidas em situações próximas de um contexto real.

As atividades interativas permitem não só aos alunos viver experiências próximas de contextos reais, mas também ter perceção sobre si próprios e sobre os outros, ouvindo e dando a sua opinião sobre o seu desempenho. Estas atividades permitem um maior envolvimento das capacidades sociais, linguísticas e comunicativas dos alunos enquanto indivíduos.

Pretendendo-se que os alunos se envolvam ativamente nas atividades a realizar, o jogo por favorecer um ambiente mais relaxado, contribui para que os alunos se sintam mais à vontade para se expressar na língua alvo, interagindo entre si de forma mais espontânea e natural.

2.7.O JOGO

“O bom professor, em qualquer disciplina, tem de ser um bom animador, motivando os seus alunos para conteúdos e actividades que os interessem, a fim de neles se empenharem.” (Cabral, 2001, p.243).

O professor é um facilitador da aprendizagem, que se adapta constantemente a ambientes de trabalho híbridos, com o intuito de despertar o interesse e curiosidade dos alunos, tendo em conta as suas características individuais e coletivas.

Tendo em consideração que “(...)os indivíduos se formam nas relações sociais” (Silva, 1997, citado por Miranda, 2001, p.60), o jogo quando realizado por mais que um indivíduo, através da interação dos seus participantes, poderá contribuir para que estas relações se estabeleçam em contexto de sala de aula.

Evans, considera que “(...) uma descrição geral do jogo é possível pela identificação dos componentes básicos que normalmente estão presentes. Tal descrição define um jogo como qualquer *competição* (cenário) entre *jogadores* que interagem dentro de um conjunto de *limitações* (regras) para alcançar um objetivo (...). (Evans, 1979, citado por Miranda, 2001, p.29). Como tal, cabe ao professor estabelecer uma ligação entre o jogo e objetivos de aprendizagem deste. Quando existe comunicação, esta ocorre inserida num determinado contexto, onde se constroem significados, que são partilhados entre os seus participantes enquanto interagem. O jogo gera nos alunos liberdade, capacidade de ir mais além num contexto mais descontraído. O facto dos alunos se sentirem num momento de maior descontração, permite-lhes arriscar ou usar a língua sem medo de errar. Neste sentido e indo de encontro ao que Levy concluiu, “...play is an effective medium for stimulating language development and innovation in language use, particularly in relation to clarifying new words and concepts, motivating language use and practice, developing metalinguistic awareness and encouraging verbal thinking.” (Levy, 1984, citado por Moyles, 1996, p.37-8). Este também pressupõe regras, que

devem ser implementadas e respeitadas ao longo do mesmo. Considerando que,

(...)as regras de um jogo podem facilitar o cultivo de respeito com as regras da sala de aula, da escola e da sociedade. (...) os jogos provêm aos estudantes de oportunidades para enfatizar papéis e posições que eles conhecem pouco ou talvez vêem com hostilidade. Deste modo, os jogos ajudam o estudante a entender outros pontos de vistas e atitudes.

(Gordon, 1972, citado por Miranda, 2001, p.61)

As regras definem o jogo, assim como a implementação das mesmas permitirá determinar um vencedor num dado momento e para além disso contribuem para a formação dos alunos enquanto membros de uma sociedade. O aluno ao participar num jogo tem a oportunidade de assumir um papel, com o qual possivelmente ainda não se deparou na sua realidade social. Assim, o jogo além de prover uma situação de aprendizagem e divertimento, ajuda também a desenvolver a personalidade dos seus participantes, uma vez que estes estão dispostos a respeitar as suas regras.

Qualquer tipo de jogo, quer seja individual, a par ou em grupo, pressupõe que exista competição entre os seus intervenientes, sendo basilar que os alunos tenham autonomia para tomar decisões ao longo do mesmo.

O jogo tem características que potenciam a sua utilização no processo de ensino-aprendizagem. Quanto ao contexto pedagógico, o aluno não fica reduzido à interação com os colegas e com o professor, torna-se mais autónomo. Esta autonomia, permite com que este coloque em prática e perceba a utilidade das regras e conhecimentos aprendidos em determinado domínio de aprendizagem.

(Barbeiro, 1998, p.18)

Através do jogo, os alunos aprendem e divertem-se ao mesmo tempo. O papel do professor é fazer uma seleção dos jogos que pretende implementar em contexto de sala de aula, alterando-os para que estes permitam criar aprendizagens aos alunos, adaptando-os a situações que reportam a um contexto real, permitindo aos alunos envolver-se em situações próximas da realidade.

Conclui-se, então, que o jogo estimula a aprendizagem de uma língua estrangeira, pois à medida que os alunos se envolvem no mesmo, quer através do conhecimento das regras, quer ao longo deste, há comunicação entre os seus pares, por forma a alcançar os objetivos dos jogos. Os alunos terão que usar a língua em questão para interagir com os seus colegas e, assim, colocar em prática as suas aprendizagens.

Este envolvimento no jogo permite que os alunos estabeleçam um contato mais próximo com os seus colegas, conhecendo-se e dando-se a conhecer melhor. Assim, este também permite que estes se sintam mais descontraídos para usar a língua alvo, ultrapassando possíveis barreiras que poderiam encontrar se estivessem expostos a todo o grupo, tornando-se assim mais autónomos. Este permite igualmente que os seus intervenientes se envolvam em algo que os fascina e, em simultâneo, lhes dá prazer, podendo tornar esse momento inesquecível.

3. ANÁLISE E RECOLHA DE DADOS – INQUÉRITOS E PLANIFICAÇÕES

Para a concretização deste trabalho, considerei fulcral, para além da realização do meu estágio, analisar algumas planificações que implementei, tentando perceber como pensei as aulas e de que modo é que estas incorporam os diferentes aspetos do meu tema, o jogo e a interação oral. Apliquei questionários a professores de línguas estrangeiras, que tiveram

como propósito tentar perceber que relevância é que estes dão à interação oral nas suas aulas, assim como qual a sua opinião relativamente ao uso do jogo como facilitador desta. Apliquei igualmente questionários a alunos de uma turma do 3º ciclo do Ensino Básico com o intuito de tentar perceber de que forma é que o jogo facilita o desenvolvimento da interação oral numa aula de língua estrangeira.

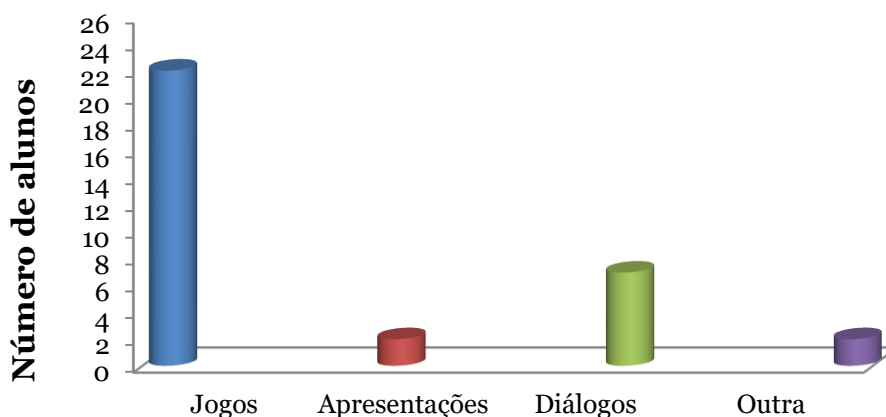
3.1. QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

Com a aplicação deste questionário - que se pode consultar em anexo a este trabalho (anexo 1) - a alunos de línguas estrangeiras, do 3º ciclo do Ensino Básico, tentei aferir que relevância é que os alunos dão à oralidade na aprendizagem de línguas estrangeiras e qual a sua perspetiva perante o jogo no desenvolvimento da mesma.

Este questionário foi aplicado à turma do 7º B, no final do ano letivo 2014/2015. A escolha desta turma prendeu-se sobretudo por tê-la acompanhado ao longo do estágio onde, tal como a minha orientadora – planificação em anexo (anexo 2) – implementei alguns jogos. Os questionários foram implementados a um universo de 23 alunos, sendo 13 do sexo feminino e 10 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 13 e 16 anos.

Quando questionados sobre que tipo de atividades é que gostam mais de realizar nas aulas de línguas estrangeiras, tal como o gráfico apresentado abaixo ilustra, é notória a predileção dos alunos para a realização de jogos, sendo que sete revelaram, para além dos jogos, preferência por fazer diálogos e apenas dois alunos gostam de fazer apresentações. Esta pergunta permitia que os alunos especificassem outro tipo de atividades para além das mencionadas. Apenas três alunos revelaram interesse pela leitura, audição de músicas e visualização de filmes na língua alvo.

Que tipo de atividades gostas mais de realizar nas aulas de língua estrangeira?



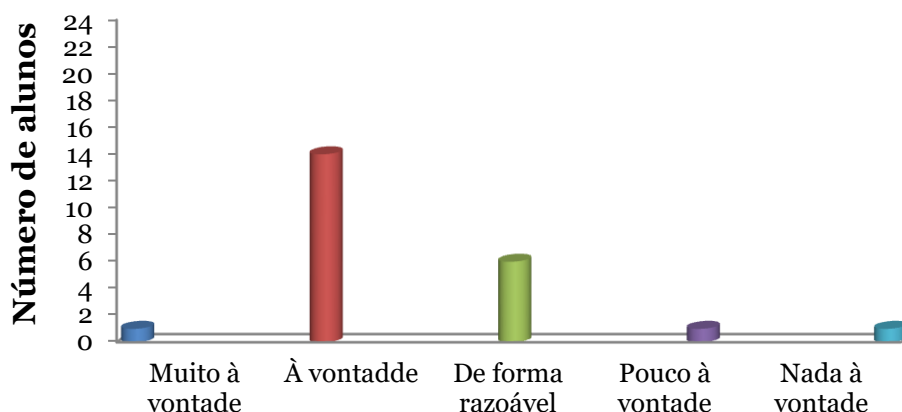
A maioria dos alunos inquiridos revela gostar de participar oralmente nas aulas de língua estrangeira, considerando, entre as mais variadas respostas, que esta lhes permite desenvolver a oralidade e pronúncia, é divertido, que lhes pode trazer benefícios a longo prazo e que se sentem à vontade. Três dos alunos não gostam de participar oralmente, revelando receio em cometer erros e citando, ser “gozado/a” pelos colegas, por pensarem ser difícil e por mostrarem preferência pela leitura. Apesar de ser em número reduzido, estes alunos revelam que têm receio de enfrentar as suas dificuldades e medo de errar, revelando que ainda não há uma relação de confiança com os seus colegas.

Todos os alunos concordaram que os jogos facilitam o uso da oralidade numa aula de língua estrangeira. Um número considerável de alunos justificou a afirmação, dizendo que os jogos tornam a aprendizagem mais divertida e interessante, permitindo-lhes aprender ao mesmo tempo e sentindo-se mais descontraídos; outros também consideraram que lhes facilita o uso da língua estrangeira, assim como lhes permite melhorar a sua pronúncia.

Quando abordados de como se sentem quando usam oralmente uma língua estrangeira, tal como se pode verificar no gráfico representado abaixo,

a maior parte dos alunos sente-se à vontade a usar a mesma, verificando-se que apenas um aluno não se sente à vontade.

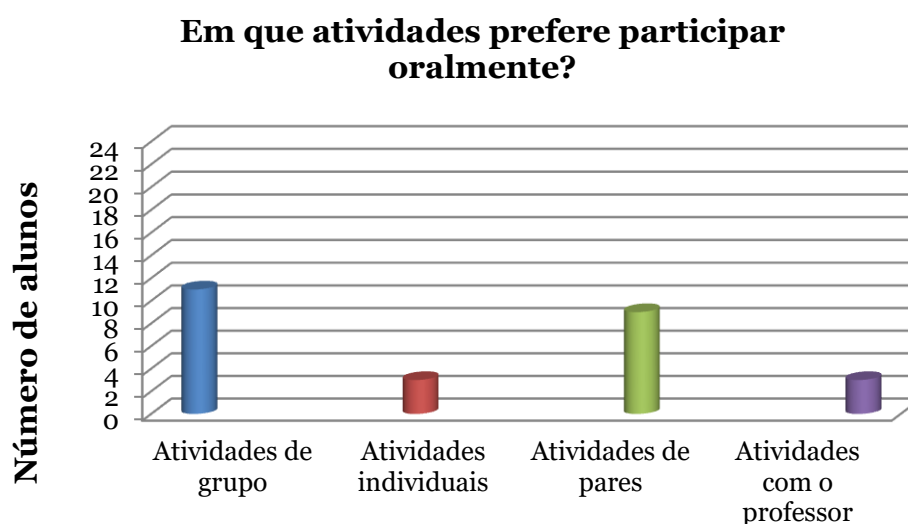
Como se sente quando usa oralmente uma língua estrangeira?



Relativamente às atividades que lhes permitiram desenvolver melhor a oralidade ao longo das aulas, a maior parte dos alunos manifestou preferência pela realização de jogos e diálogos. Embora em número mais reduzido, referiram também a leitura, a visualização de filmes na língua alvo e a interação com os professores. As respostas dadas demonstram que, os alunos vêm sobretudo o jogo e o diálogo como facilitadores da oralidade, mas que também têm consciência das diferentes atividades que podem facilitar o contato oral com a língua estrangeira.

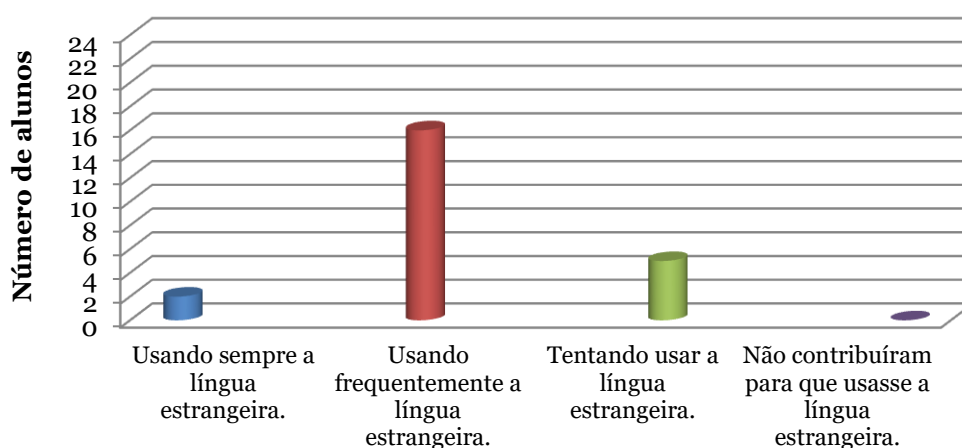
Por conseguinte, quis saber em que atividades é que os alunos preferem participar oralmente e, tal como se pode constatar no gráfico seguinte, os alunos preferem, em maior número atividades de grupo, seguindo-se as atividades de pares. Um número muito reduzido de alunos prefere realizar atividades individualmente ou com o professor. Pode-se assim concluir que os discentes se sentem mais à vontade para usar a língua estrangeira, quando estão em contato com os seus colegas, devendo assim o professor ter uma

postura de observador, dando espaço aos alunos para desenvolver as atividades propostas, permitindo que estes se tornem mais autônomos.



Quando questionados, sobre de que forma é que as atividades realizadas, nas aulas de língua estrangeira, os ajudaram a desenvolver a oralidade, tal como se pode constatar no gráfico representado, um número substancial de alunos considera que as atividades desenvolvidas ao longo das aulas os ajudaram a usar frequentemente a língua, não se registando alunos que considerassem que estas não contribuíssem para tal. Pode-se assim aferir, que as atividades realizadas em contexto de sala de aula podem contribuir de forma significativa, para que a turma desenvolva a oralidade.

Nas aulas de línguas estrangeiras, de que forma é que as atividades realizadas o/a ajudaram a desenvolver a oralidade?



Em suma, de acordo com os resultados obtidos através do questionário realizado a esta turma, os alunos consideram que o jogo contribui para que estes participem oralmente nas aulas de línguas estrangeiras, assim como permite que estes se sintam mais à vontade, motivados e mais confiantes para usar a língua em contexto de sala de aula, contribuindo para um ambiente favorável de aprendizagem.

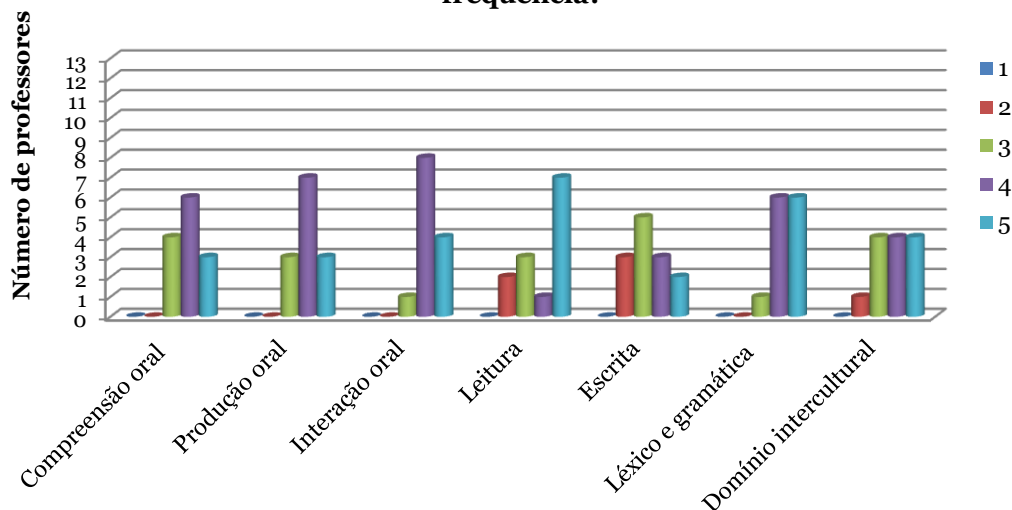
3.2. QUESTIONÁRIOS AOS PROFESSORES

Considerarei pertinente, aplicar um questionário, a professores de línguas estrangeiras de diferentes escolas e ciclos de estudo, com o propósito de tentar perceber que relevância é que estes dão à interação oral, que tipo de atividades é que desenvolvem com mais frequência e que relevância é que estes dão ao jogo como facilitador da interação oral.

Este questionário (anexo 3) foi aplicado a um universo de 13 professores sendo todos eles do sexo feminino e com idades compreendidas entre os 25 e os 50 anos. Relativamente às habilitações académicas, a maioria dos inquiridos possuem o grau de licenciados, havendo um número reduzido de detentores do grau de mestre. No que concerne aos anos de serviço, rondam uma escala entre os cinco e 25 anos. Verifiquei que os professores que participaram neste questionário, lecionam nos três ciclos do Ensino Básico, seis deles no 3º ciclo, quatro no 1º ciclo e três no 2º ciclo.

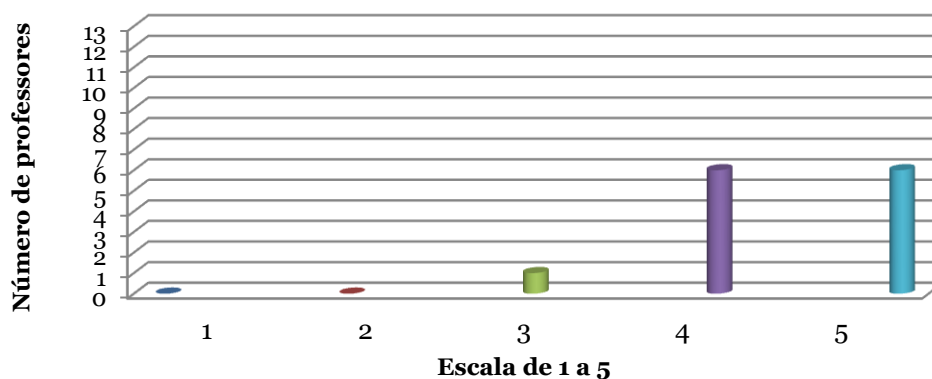
Quando questionados sobre quais os domínios de referência, que trabalham com mais e menos frequência nas suas aulas, tendo em consideração uma escala de um a cinco, considerando um o valor com menos frequência e cinco o valor com maior frequência, podemos constatar, tal como representado no gráfico abaixo, que o domínio ao qual foi atribuído valor máximo é a leitura, seguido do léxico e gramática. Numa escala ligeiramente abaixo são referidas também a interação oral, produção oral e compreensão oral e o domínio trabalhado com menos frequência é a escrita. Posso assim inferir que apesar de a leitura prevalecer na escala mais alta, tendo em conta a sua posição, são desenvolvidas com considerável frequência atividades de interação oral, permitindo aos alunos trabalhar de forma mais abrangente a língua que estão a aprender.

Atendendo às atuais metas curriculares para o 1º, 2º, 3º ciclo, nas suas aulas, qual/quais o(s) domínio(s) de referência que trabalha com mais frequência e qual/quais trabalha com menos frequência?



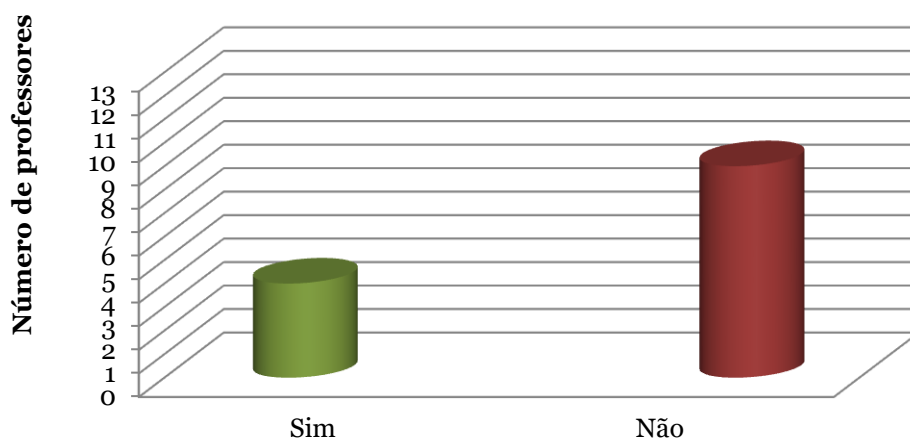
Consegui constatar que, a maior parte dos professores dizem dar prioridade à interação oral nas suas aulas, sendo que numa escala de um a cinco, tal como se pode verificar, a maior parte das respostas centrou-se nos valores quatro e cinco. Tais resultados permitem-me concluir que os professores inquiridos valorizam atividades de interação no decorrer das suas aulas.

Que prioridade confere à interação oral nas suas aulas?



A maior parte dos inquiridos neste questionário consideram que não conseguem trabalhar a interação oral, nas suas aulas, com a frequência que desejam, apontando como principais condicionalismos a reduzida carga horária da disciplina, o elevado número de alunos por turma, referindo também o cumprimento do programa.

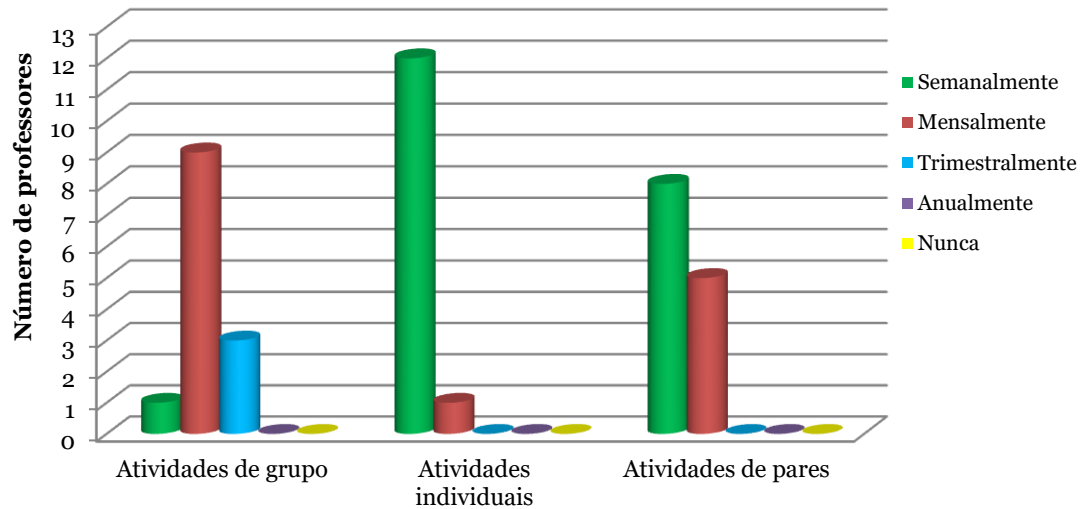
Ao longo da sua prática letiva consegue trabalhar a interação oral com a frequência que deseja?



Quando questionados sobre a frequência com que implementam determinadas atividades em sala de aula, foi possível aferir que as atividades desenvolvidas com maior frequência são as individuais. Apesar de se desenvolverem atividades de par com maior regularidade, as atividades de grupo, não são praticadas com tanta assiduidade.

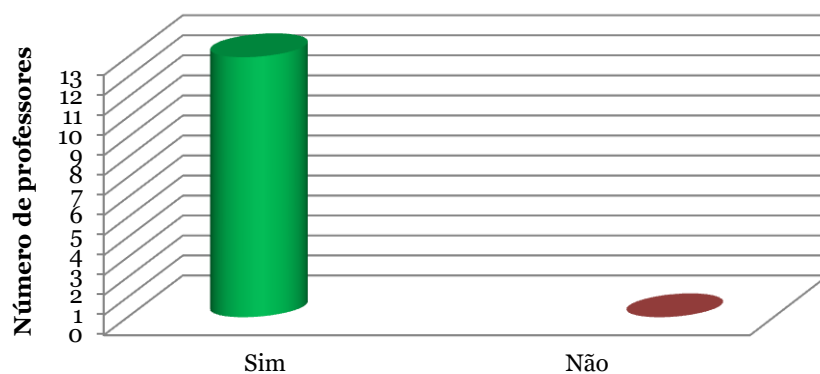
Considerando-se basilar que exista um ambiente positivo de aprendizagem em sala de aula, é necessário que os discentes se sintam autoconfiantes para a aprendizagem da língua. Assim como, deve existir confiança no seio da turma, para que não se sintam inibidos aquando do uso da língua estrangeira. Para que tal aconteça, é necessário que os alunos estejam em contacto enquanto grupo, como um todo, permitindo que se desenvolva uma maior confiança e cooperação entre os seus membros.

Atendendo às seguintes atividades, com que frequência é que as implementa?

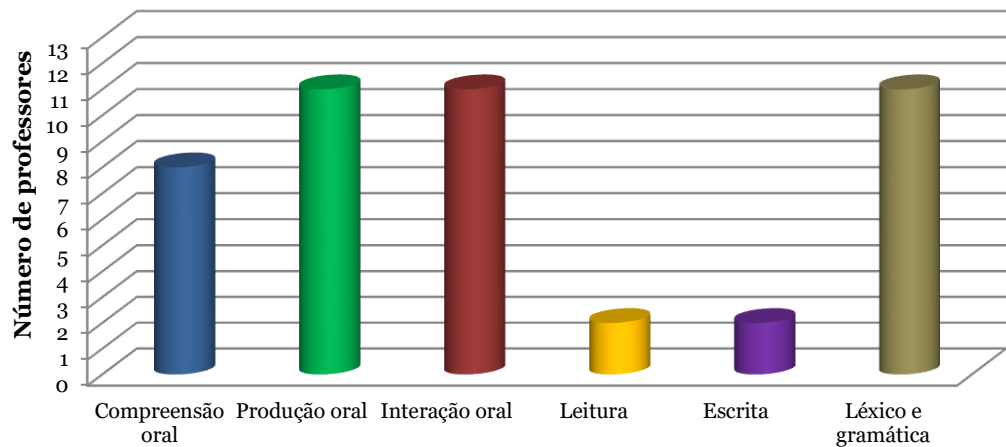


Todos os inquiridos afirmaram usar o jogo ao longo da sua prática letiva, assinalando que os domínios de referência que pretendem desenvolver com o jogo nas suas aulas são sobretudo a compreensão oral, produção oral, interação oral e o léxico, bem como a gramática. Pode-se, assim, concluir que estes professores consideram que o jogo facilita o desenvolvimento da oralidade na aprendizagem de línguas estrangeiras.

Usa o jogo ao longo da sua prática letiva?



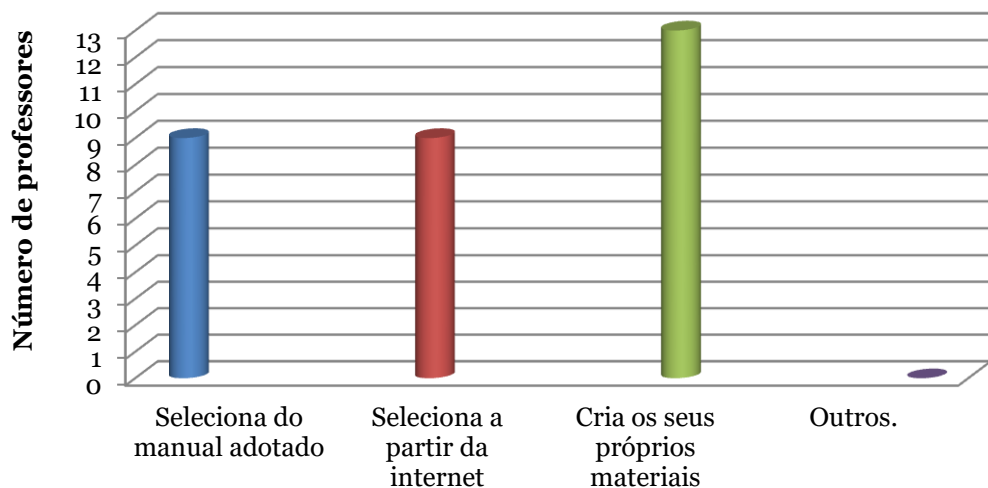
Se a resposta anterior foi afirmativa, que domínio(s) de referência pretende desenvolver com o jogo nas suas aulas? Pode assinalar mais do que uma opção.



Questionados de como reuniam os jogos a usar na sala de aula, todos os inquiridos responderam que criavam os seus próprios materiais, embora não tenham sido na mesma grandeza, mas uma percentagem considerável, também respondeu que faz, igualmente, esta seleção a partir do manual adotado e da internet.

Sendo as turmas muito diversificadas, tendo em conta que cada elemento da mesma tem necessidades, aspirações e características diferentes, torna-se fundamental adaptar as atividades usadas em contexto de sala de aula, à especificidade da turma alvo, tendo que se recorrer, cada vez mais, a recursos diferenciados para fazer face a estes.

Como reúne os jogos a usar na aula? Pode escolher mais do que uma opção.



Quando abordados, sobre qual a opinião dos inquiridos relativamente ao recurso do jogo no desenvolvimento da interação oral, apenas sete dos mesmos responderam a esta questão.

Tendo em consideração as respostas destes, foi consensual a opinião de que o recurso ao jogo permite que os alunos se expressem na língua alvo de forma mais descontraída, considerando também que os alunos participam de forma mais empenhada e motivada, sem ter a noção de que estão a “aprender jogando”. Os alunos sentem-se, assim, mais desinibidos para participar oralmente, recorrendo menos à língua materna. Referiram que estes permitem experienciar a linguagem como forma de comunicação real, levando-os a trocar informações e opiniões. Proporcionam, igualmente, momentos de socialização, em que o trabalho de pares ou de grupo resulta em aprendizagens conjuntas, desenvolvendo-se a capacidade de ouvintes ativos e o cumprimento de regras. Promove a autonomia, desenvolvendo ferramentas para estes se integrarem socialmente. Os discentes são consensuais em afirmar que é fundamental o uso dos jogos ao longo da sua prática, não esquecendo porém que o uso destes não deva ser feito apenas como um recurso adicional ao longo do processo de ensino aprendizagem.

Em conclusão, os professores inquiridos neste questionário reconhecem que o jogo pode promover o desenvolvimento da oralidade no ensino de línguas estrangeiras. É consensual que este funciona como um facilitador da interação oral, pois contribui para uma participação mais ativa e descontraída dos alunos nas atividades propostas, permitindo que todos se envolvam e desenvolvam assim o espírito de grupo, contribuindo para que os alunos se tornem mais autónomos. Desta forma, minimizam-se os receios em usar a língua estrangeira e conseqüentemente o medo de errar, enfrentando, assim, os seus medos e tendo a perceção da sua evolução enquanto aprendentes de uma língua.

Tendo em consideração que a implementação de atividades de interação oral pressupõe que o professor conceda ao aluno, de acordo com as suas necessidades, tempo para que este se consiga expressar e compreender o que

é dito em língua estrangeira, a reduzida carga horária atribuída ao ensino de línguas pode ser um entrave para que estas sejam levadas a cabo. O facto das turmas serem muito numerosas e, conseqüentemente heterogéneas, pode dificultar a participação de todos os alunos nestas atividades.

Logo, apesar de se reconhecer que o jogo funciona como um facilitador para o desenvolvimento da interação oral, existem condicionantes no sistema de ensino que se revelam um entrave para que se coloquem em prática atividades fundamentais quer para o ensino de línguas estrangeiras, quer para que se crie um ambiente de aprendizagem desejável.

3.3. ANÁLISE DE ALGUMAS PLANIFICAÇÕES DINAMIZADAS NO ESTÁGIO E REFLEXÃO SOBRE O CONTRIBUTO DAS MESMAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA INTERAÇÃO ORAL

Ao longo do estágio procurei sempre dinamizar atividades que permitissem que os alunos interagissem, quer entre eles, quer comigo, usando, para isso, a língua que estavam a aprender. Tal como já foi referido ao longo deste trabalho, ao usar a língua estrangeira os alunos sentem-se muito expostos quer perante o professor, quer perante a turma. Como tal, sempre que pertinente, recorri ao jogo para que estes se sentissem mais descontraídos, com o intento de colmatar alguns dos seus receios, quer perante a turma, quer perante a professora.

Farei, assim, a análise de algumas planificações das aulas dadas à turma do 7º B, na qual implementei os questionários analisados neste trabalho.

A planificação (anexo 4) que apresentarei de seguida foi desenvolvida no âmbito da unidade *“Ma vie en classe”*, que tinha como temas: o material escolar; as disciplinas e expressões da sala de aula.

Esta planificação refere-se à segunda aula dedicada a esta unidade, onde introduzi os artigos definidos e indefinidos, assim como algumas frases a usar na sala de aula. Iniciei a aula com a rotina habitual, onde um aluno – selecionado aleatoriamente através de um número retirado de um saco - vai ao quadro escrever a lição e a data que é lida posteriormente por outro. O facto de os alunos não saberem previamente quem escreve e lê a lição, incentiva-os a participar e a estar atentos logo no início da aula. De seguida, fiz um jogo em que pretendia relembrar o vocabulário sobre o material escolar dado na aula anterior, mas sobretudo incentivar os alunos a usar a língua estrangeira. Dividi a turma em grupos de cinco alunos, procurando, neste momento da aula, que todos se sentissem mais descontraídos e assim usassem a língua francesa sem receio. Aquando da planificação uma das minhas preocupações foi a formação dos grupos, pois a turma tinha alguns alunos com pouca autoestima e que não se sentiam muito à vontade com todos os colegas. Tive assim o cuidado de criar grupos equilibrados relativamente ao nível de aprendizagem dos alunos, mas também para que estes se sentissem à vontade entre si. Tal como já foi exposto neste trabalho, o jogo contribui para que os alunos desenvolvam as suas capacidades sociais, favorecendo um contacto mais próximo com os seus colegas, criando um ambiente de sala de aula mais relaxado, levando-os a comunicar de forma mais espontânea.

Ao introduzir os artigos definidos e indefinidos usei o método indutivo, começando por, em conjunto com os alunos, partir de exemplos mais simples para mais complexos, levando-os a inferir a regra gramatical. Para praticar o vocabulário e os aspetos gramaticais fiz uma atividade, na qual através de um cartão com imagens sobre o material escolar, os alunos tinham que construir frases, começando por escrevê-las no caderno e posteriormente lê-las para a turma. Procurei que com a utilização de cada cartão, os alunos usassem todos os aspetos gramaticais dados e coloquei, propositadamente, imagens repetidas para que quando as frases fossem lidas, os alunos verificassem se o cartão do colega teria as mesmas imagens que o seu. Esta fase final da

atividade tinha por objetivo que os alunos estivessem atentos às leituras e em simultâneo tentassem identificar eventuais erros nas suas frases e nas dos seus colegas.

Para introduzir as expressões a usar na sala de aula, usei uma apresentação *power point*, na qual mostrei apenas imagens aos alunos e pedi-lhes que tentassem dizer em francês a que expressão é que esta se referia. Desta forma, pretendia fomentar não só o uso da língua francesa, mas também transmitir confiança para que os alunos a usassem e se fizessem compreender sem receio. Como já foi mencionado no enquadramento teórico, um dos objetivos do professor é motivar e encorajar os alunos a usar a língua que estão a aprender, transmitindo-lhes confiança para que estes desenvolvam estratégias que lhes permitam contornar eventuais dificuldades com que se possam deparar para comunicar na língua estrangeira, tornando-se assim mais autónomos.

Por fim, os alunos fizeram uma atividade de audição que englobava a matéria dada ao longo da aula.

No final da aula quando refleti sobre a mesma, concluí que o jogo embora tivesse como objetivo principal a identificação do vocabulário dado e, ao longo da atividade, os alunos tivessem tentado recorrer à língua francesa para se expressarem, considero que este pelas suas características não fomentou a interação oral como eu pretendia. As atividades centraram-se muito na escrita dado que estes recorreram a uma lousa para identificar os objetos. Considero ainda que se os alunos tivessem apenas a oportunidade de dar a resposta oralmente, com um tempo limite para discutirem entre si o nome do objeto, recorrendo à língua francesa, teria havido mais interação entre todos os intervenientes.

As seguintes atividades referem-se à planificação (anexo 5) das aulas número cinco e seis da unidade didática "*Mon portrait*", que tinham como temas: as partes do corpo humano; características físicas e psicológicas; gostos, interesses e preferências; formas e cores. Quando planifiquei as aulas, optei por começar com uma atividade relativa às características físicas e

psicológicas, de forma a rever o vocabulário dado, usando, para isso, a música “*Boggie-woggie*”, que pressupunha que os alunos ao mesmo tempo que a ouviam fizessem uma pequena coreografia. A música é um excelente recurso pedagógico, pois permite que os alunos se sintam mais relaxados, contribuindo, assim, para que todos, mesmo os mais inseguros se envolvam nas atividades propostas. Posteriormente, os alunos terminaram uma atividade começada na aula anterior, que consistia em descrever fisicamente um colega da turma, sem revelar o seu nome, para que aquando da leitura das descrições, a turma tentasse adivinhar qual o colega a ser descrito. Após serem realizados alguns exercícios do manual sobre a descrição física e psicológica, os alunos fizeram um jogo. Este era em grupos, formados previamente por mim, que tinham que descrever um personagem da banda desenhada “*Asterix*”. Na fase final do jogo, os alunos tinham que ler a descrição do seu personagem sem o identificar e os outros grupos tinham que escrever numa lousa o nome do personagem que achavam que estava a ser descrito. O grupo que acertasse no maior número de personagens recebia chocolates no final da aula. Quando fiz e planifiquei o jogo, tinha a perceção de que os alunos ao terem que adivinhar e chegar a um consenso num tempo limite sobre qual o personagem que estava a ser descrito, tornaria a aula mais barulhenta que o normal, mesmo assim optei por o fazer, pois se tal acontecesse também seria sinónimo de que os alunos se estavam envolver ativamente no jogo e a usar a língua francesa, que era o objetivo primordial deste.

Within the communicative curriculum, the classroom - and the procedures and activities it allows - can serve as a focal point of the learning-teaching process...it can become the meeting place for realistically motivated communication-as-learning communication about learning, and metacommunication... . (Ibid.p.98)

(Legtke & Thomas, 1991, p.2)

Tal como já foi referido no capítulo anterior, é essencial que exista um bom ambiente de sala de aula, para que os alunos se sintam motivados para usar a língua que estão a aprender e assim se desenvolvam situações naturais de conversa que os incentivem a interagir entre si.

A última parte da aula foi dedicada à leitura e escrita de cartas, no âmbito da troca de correspondência que os alunos faziam com uma turma do mesmo ano, de outra escola do agrupamento.

Nesta aula, apesar do jogo ter fomentado momentos de interação entre os alunos, penso que este teria contribuído para que a turma tivesse interagido mais entre si se numa primeira fase cada grupo tivesse descrito o seu personagem oralmente e, posteriormente para descobrir qual o personagem que cada grupo tinha se colocassem questões aleatoriamente, sendo que o primeiro grupo a adivinhar ganharia. Desta forma, os alunos estariam mais expostos ao grupo e teriam que, no momento, criar estratégias que lhes permitissem contornar eventuais dificuldades com que se pudessem deparar para compreender e se fazerem compreender.

A planificação seguinte (anexo 6) refere-se à segunda aula da unidade didática *“Mes routines en famille”*, que tem como temas: a família; os membros da família e as relações familiares; partes do dia e alguns passatempos.

Ao planificar esta aula, optei por começar com um jogo para relembrar o vocabulário dado. Como tinha usado a série francesa - *“En famille”* – na aula anterior, relatei o jogo com os personagens da mesma. Os alunos após visualizarem novamente o excerto da série, em grupos formados previamente por mim, tinham que descrever fisicamente um personagem que estava num cartão, dando apenas pistas sobre este, ganhando o jogo o grupo que conseguisse identificar mais personagens. Para além da identificação do vocabulário dado, este jogo também tinha como objetivo que os alunos interagissem entre si, quer enquanto faziam a descrição do seu personagem no seio do grupo, quer aquando da descrição do mesmo perante a turma. Tal como já foi referenciado no enquadramento teórico, ao interagirem na língua que estão a aprender, os alunos estão a aplicar as suas aprendizagens no

imediatamente, permitindo-lhes identificar e ultrapassar algumas barreiras linguísticas com que se possam deparar, preparando-se melhor como falantes.

Posteriormente para consolidar o vocabulário, os alunos fizeram um exercício no caderno de atividades.

Para introduzir os determinantes possessivos, optei por projetar algumas frases que, à medida que cada frase era projetada, em conjunto com os alunos, sistematizava a matéria e, em simultâneo, estes preenchiam uma ficha sobre a mesma. No final selecionei alguns exercícios do manual para que os alunos aplicassem o que tinham aprendido e verificassem se tinham dúvidas. A última parte da aula foi dedicada à redação de uma carta, no âmbito da troca de correspondência como já foi supra citado.

Relativamente ao jogo realizado nesta aula, apesar dos alunos terem usado a língua francesa, quer no seio do grupo, quer perante a turma, considero que o jogo teria fomentado momentos de interação mais espontâneos se os alunos não pudessem escrever a descrição do personagem no caderno, para que aquando da sua descrição perante a turma cada membro do grupo pudesse usar a língua francesa de forma mais natural.

Quando planifiquei as aulas e sempre que os jogos pressupunham a formação de grupos, tal como já foi referido, tive sempre a preocupação de refletir sobre quais as posições que a turma ocupava na sala, assim como as relações que os alunos tinham entre si. Se não tivesse antecipado esta situação, provavelmente a distribuição dos grupos seria morosa, correndo o risco de perder o controlo da turma e, conseqüentemente, os objetivos do jogo não seriam atingidos. Para além disso, os alunos com mais dificuldades e pouca autoestima poderiam sentir-se mais inibidos por não se identificarem com o grupo em que estavam inseridos. Concluo assim que, no momento da planificação das atividades, é importante refletir sobre a especificidade da turma, das relações sociais que os alunos estabelecem entre si e adequá-las à mesma.

No decorrer dos jogos que fui implementando ao longo do estágio, foi possível constatar que os alunos se sentiam descontraídos, motivados e empenhados na realização dos mesmos, quer pelo desafio que apresentavam, quer pelo cumprimento das regras. Os jogos também despertaram a curiosidade dos alunos levando-os a participar ativamente e a usar de forma mais descontraída a língua que estavam a aprender. Permitiram que os alunos se conhecessem, se dessem a conhecer entre si e desenvolvessem o espírito de grupo e entreajuda na turma, que não se verificava no início do ano.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser professor é um desafio, onde a aprendizagem é constante e a construção do saber nunca termina. Esta construção faz-se todos os dias, através das suas vivências, do contacto com o outro, do exercício autorreflexivo e autocrítico que este faz sobre si.

A sala de aula é um dos locais onde alunos e professores se encontram, com o intuito de criar um ambiente propício para que ocorra aprendizagem. Quer o professor, quer cada elemento da turma têm características individuais e sociais diferentes, que acabam por se traduzir e influenciar o processo de ensino aprendizagem. Como tal, cabe ao professor e alunos criar condições para que exista um ambiente de aprendizagem positivo entre todos os elementos da turma, para que estes não se sintam inibidos aquando do uso da língua alvo.

A aprendizagem de uma língua é um processo longo e lento, em que os aprendentes se vão deparando com algumas dificuldades ao longo do mesmo. Para que esta seja efetiva, os aprendentes devem ser resilientes, assim como devem ter a perceção da sua evolução ao longo da mesma. Estes devem experienciar situações próximas da realidade, para que tenham a oportunidade de enfrentar a imprevisibilidade com a qual se poderão vir a deparar no seu quotidiano. As atividades de interação oral, pelo seu cariz imprevisível, permitem que o aluno possa colocar em prática essas experiências em contexto de sala de aula.

Ao longo do meu percurso, quer nas aulas, quer no decorrer da realização dos estágios nos diferentes ciclos de estudo, assim como na elaboração deste trabalho, fiz sempre uma análise crítica sobre a minha postura enquanto profissional e enquanto pessoa. Esta análise permitiu-me ter uma perceção diferente sobre as diversas situações com as quais me fui deparando. Assim, aprendi a questionar-me mais sobre as minhas decisões, a enfrentar os

desafios que surgiram e a ter a noção de que ainda tenho muito para aprender.

Quando delinee e planifiquei as minhas aulas, procurei sempre que estas tivessem uma sequência lógica e se adequassem ao nível de aprendizagem da turma. Este não foi um processo fácil, tive que enfrentar e contornar os meus medos, receios e inseguranças, refletindo constantemente sobre mim enquanto pessoa e profissional, trabalhando para acreditar mais em mim e nas minhas capacidades enquanto docente. Com o decorrer do estágio tentei conhecer e compreender os alunos, quer individualmente, quer enquanto grupo, para que as atividades se adequassem ao mesmo e contribuíssem para que usassem a língua entre si e comigo.

Tendo como ponto de partida as questões iniciais que me permitiram definir objetivos, tentei, quer a partir da literatura de referência, quer na análise dos questionários implementados e de algumas planificações dinamizadas ao longo do meu estágio, ser imparcial, por forma a que este seja um documento válido e significativo para mim e para os leitores.

Tal como foi possível aferir através da implementação dos questionários analisados neste trabalho, as atividades de interação oral pressupõem que o professor dê espaço e tempo ao aluno para as desenvolver. A reduzida carga horária semanal atribuída ao ensino de línguas estrangeiras em Portugal atualmente, assim como o elevado número de alunos por turma, acabam por inibir os professores de as desenvolverem com mais frequência.

O envolvimento de todos os intervenientes em sala de aula permite que os alunos estejam em contacto uns com os outros, estabeleçam laços e se conheçam melhor, sentindo-se assim mais à vontade e motivados, para usarem a língua que estão a aprender. Este envolvimento só é possível se se promoverem atividades que pressuponham não só a realização de trabalho de pares, mas sobretudo em grupo. Se não houver colaboração - “relação partilhada de complementaridade entre parceiros, na prossecução de finalidades comuns e com benefícios mútuos. (Canha & Alarcão, 2004b)” (Canha, 2013, p.65) - e compreensão entre os membros da turma,

consequentemente, estes não se sentem tão à vontade para se exporem, revelando receio de transpor e enfrentar as suas fragilidades enquanto aprendentes, perante os seus colegas.

O jogo pelas suas características proporciona momentos mais relaxados entre os seus participantes, contribuindo para que se desenvolvam momentos mais espontâneos e naturais entre todos. A implementação deste nas aulas de língua estrangeira, pressupõe que os alunos comuniquem entre si, para que consigam alcançar os objetivos do mesmo e para garantir que as regras sejam cumpridas. É uma atividade que implica que os seus participantes se envolvam na mesma por forma a alcançar um objetivo. Para que tal aconteça, é necessário conhecer e respeitar um conjunto de regras que são previamente estabelecidas.

Ao expressarem-se ao longo do jogo, os alunos estão a interagir usando a língua de forma mais descontraída e a divertir-se ao mesmo tempo. O cumprimento das regras, também possibilita que os alunos desenvolvam capacidades que lhes permitirão integrar-se socialmente, assim como promove a autonomia dos mesmos.

Posso assim constatar, que o jogo contribui para que exista um ambiente de sala de aula mais relaxado permitindo que os alunos se sintam mais à vontade para usar a língua que estão a aprender, desencadeando-se assim momentos de interação oral mais espontâneos e naturais, estreitando-se os laços quer dos alunos no seio do grupo, quer destes com o professor, tornando-os mais confiantes e autónomos.

A análise deste trabalho despertou em mim a vontade de ir mais além e tentar perceber, tendo em conta situação do ensino em Portugal atualmente, de que forma é que o desenvolvimento da interação oral é um impedimento ou um obstáculo para os professores no ensino de línguas estrangeiras.

Transpondo esta linha de pensamento, o envolvimento de todos e o desenvolvimento de um ambiente positivo, não é apenas fundamental dentro de sala de aula, mas também no desenvolvimento da nossa atividade docente. Considero, assim, que as aulas de mestrado, a realização do meu

estágio, a participação em ações de formação, e o contato com os alunos nos diferentes níveis de ensino, foram determinantes na realização deste trabalho. Acredito que a atividade docente se pauta pelas interações sociais que vamos desenvolvendo no contato com os intervenientes do sistema educativo, onde a aprendizagem é contínua e nunca se esgota.

BIBLIOGRAFIA

- Allwright, D. & Bailey, K. (1991). *Focus on the Language Classroom*. Cambridge: Cambridge: University Press.
- Alves, J. (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem, ensino, avaliação*. Lisboa: Edições ASA.
- Andrade, A. & Araújo e Sá, M. (1992). *Didáctica da Língua Estrangeira: ensino das línguas estrangeiras: orientações para uma abordagem comunicativa*. Rio Tinto: Edições ASA.
- Andrade, A. & Sá C. (2003). *A intercompreensão em contextos de formação de professores de línguas: algumas reflexões didáticas*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Araújo e Sá, M. (2013). *A intercomoreensão em didática de línguas: modulações em torno de uma abordagem internacional*. Obtido em 15 de 11 de 2015, de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12008.pdf>
- Barbeiro, L. (1998). *O jogo no ensino-aprendizagem da língua*. Leiria: Legenda.
- Cabral, A. (2001). *O jogo no ensino*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Canha, M. (2013). *Colaboração em Didática - Utopia, Desencanto e Possibilidade*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Cravo, A., Bravo, C. & Duarte E. (2013). *Metas Curriculares de Inglês Ensino Básico : 2º e 3º Ciclos*. Obtido em 8 de 11 de 2015, de DIREÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/caderno_de_apoi_o_ingles.pdf.
- Delamonte, S. (1987). *Interacção na sala de aula*. . Lisboa: Livros horizonte, LDA.
- Freire, P. (2012). *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. Mangualde: Edições Pedagogo, Lda.
- Kramsch, C. (1991). *Interaction et discours dans la classe de langue*. Paris: Didier.

- Legutke, M. & Thomas, H. (1991). *Process and experience in the language classroom*. Essex: Longman.
- Lier, L. (1997). *Interaction in the Language Curriculum: awareness, autonomy and authenticity*. Essex: Longman.
- Miranda, S. (2001). *Do fascínio do jogo à alegria de aprender nas séries iniciais*. Campinas: Papirus Editora.
- Moyles, J. (1996). *Just playing? The role and status of play in early childhood education*. Buckingham: Open University Press.

ANEXOS

ÍNDICE

Anexo I – Inquérito aos alunos	ii
Anexo II – planificação da orientadora	v
Anexo III – inquérito aos professores	vi
Anexo IV – planificação	i
Anexo V – planificação	vii
Anexo VI – planificação	xiii

Nota: Os anexos serão apresentados em CD-ROM

ANEXO I – INQUÉRITO AOS ALUNOS

Caro(a) aluno(a),

O presente questionário enquadra-se numa pesquisa a ser realizada pela professora Daniela Vale, no âmbito do Mestrado em Ensino de Inglês e Francês ou Espanhol no Ensino Básico, realizado na Escola Superior de Educação do Porto, com o objetivo de conhecer a sua perceção sobre **O jogo: condições facilitadoras do desenvolvimento da oralidade**.

Os resultados obtidos serão utilizados para fins académicos, sendo que as respostas a este questionário representam a sua opinião pessoal. Não existem respostas corretas ou erradas. Agradeço a sua sinceridade. Este questionário é anónimo e confidencial, não devendo por isso colocar a sua identificação ou assinatura no mesmo.

Obrigada pela sua colaboração.

Inquérito por questionário

Grupo A

O presente questionário é anónimo e confidencial. As questões que se seguem destinam-se apenas a tratamento estatístico da informação recolhida.

Dados pessoais.

1. Sexo

a) Feminino b) Masculino

2. Faixa etária

a) Inferior a 10 anos b) Dos 10 aos 12 anos
c) Dos 13 aos 16 anos

Grupo B

O jogo: condições facilitadoras do desenvolvimento da oralidade.

1. Que tipo de atividades gosta mais de realizar nas aulas de línguas estrangeiras?

Jogos	
Apresentações	
Diálogos	
Outra Qual? _____ _____	

2. Gosta de participar oralmente nas aulas de línguas estrangeiras? Justifique a sua resposta.

3. “Os jogos facilitam o uso da oralidade numa aula de língua estrangeira.” Concorda com esta afirmação? Porquê?

4. Como se sente quando usa oralmente uma língua estrangeira?

Muito à vontade.	
À vontade.	
De forma razoável.	
Pouco à vontade.	
Nada à vontade.	

5. Indique que atividades lhe permitiram desenvolver melhor a oralidade ao longo das aulas?

6. Em que atividades prefere participar oralmente?

Atividades de grupo.	
Atividades individuais.	
Atividades de pares.	
Atividades com o professor.	

7. Nas aulas de línguas estrangeiras, de que forma é que as atividades realizadas o/a ajudaram a desenvolver a oralidade?

Usando sempre a língua estrangeira.	
Usando frequentemente a língua estrangeira.	
Tentando usar a língua estrangeira.	
Não contribuíram para que usasse a língua estrangeira.	

O inquérito termina aqui!

Obrigada pela sua colaboração!

ANEXO II – PLANIFICAÇÃO DA ORIENTADORA

Unidade 2 – *On se présent*

- Rotina da aula: A professora cumprimenta os alunos e os alunos cumprimentam a professora. Aleatoriamente a professora tira de um saco o número de um aluno, este vem ao quadro abrir a lição.

- Brainstorming activity: A professora diz aos alunos que vão rever os verbos dados na aula anterior. Começa por lhes dar 1 minuto para rerelem os verbos que deram. Posteriormente a professora diz aos alunos que vai tirar aleatoriamente números de um saco e que diz qual o verbo no infinitivo que estes têm que conjugar e o pronome pessoal.

- Jogo: A professora diz aos alunos que vão jogar a batalha Naval. Começa por dividir a turma em grupos e explica-lhes as regras do mesmo. Alternadamente, um membro de cada grupo tem que escolher um número e uma letra, que correspondem a um quadrado da batalha naval. Quando a professora clica neste aparece a indicação do verbo no infinitivo e do pronome pessoal que o aluno deve conjugar. Ganha a equipa que acertar mais verbos. O prémio é um rebuçado para cada membro da equipa vencedora.

- Rotina da aula: A professora escreve o sumário no quadro, de seguida tira aleatoriamente o número de um aluno de um saco para e diz-lhe para ler o sumário. A professora despede-se dos alunos e os alunos despedem-se da professora.

ANEXO III – INQUÉRITO AOS PROFESSORES

Caro(a) professor(a),

O presente questionário enquadra-se numa pesquisa a ser realizada pela professora Daniela Vale, no âmbito do Mestrado em Ensino de Inglês e Francês ou Espanhol no Ensino Básico, realizado na Escola Superior de Educação do Porto, com o objetivo de conhecer a sua perceção sobre **O jogo: condições facilitadoras do desenvolvimento da oralidade**.

Os resultados obtidos serão utilizados para fins académicos, sendo que as respostas a este questionário representam a sua opinião pessoal. Não existem respostas corretas ou erradas. Solicito-lhe que não responda de acordo com o que é esperado, mas que seja o/a mais sincero/a possível. Este questionário é anónimo e confidencial, não devendo por isso colocar a sua identificação ou assinatura no mesmo.

Obrigada pela sua colaboração.

Dados pessoais.

1. Sexo

a) Feminino b) Masculino

2. Faixa etária

a) Inferior a 25 anos b) De 25 a 35 anos
c) De 36 a 45 anos d) De 46 a 50 anos
e) Mais de 50 anos

3. Habilitações académicas

a) Bacharelato b) Licenciatura
c) Mestrado d) Doutoramento
e) Outra

4. Anos de serviço

a) Menos de 5 anos	<input type="checkbox"/>	b) De 5 a 15 anos	<input type="checkbox"/>
c) De 16 a 25 anos	<input type="checkbox"/>	d) Mais de 25 anos	<input type="checkbox"/>

5. Quais os níveis de ensino que leciona predominantemente?

a) 1º ciclo do ensino básico	<input type="checkbox"/>	b) 2º ciclo do ensino básico	<input type="checkbox"/>
c) 3º ciclo do ensino básico	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>

Grupo B

O jogo: condições facilitadoras do desenvolvimento da oralidade.

1. **Atendendo às atuais metas curriculares para o 1º, 2º e 3º ciclo, nas suas aulas, qual/quais o(s) domínio(s) de referência que trabalha com mais frequência e qual/quais trabalha com menos frequência?**

Assinale com uma cruz (X) o quadrado correspondente, usando uma escala de 1 a 5, considerando 1 o valor com menos frequência e 5 o valor com mais frequência.

	1	2	3	4	5
Compreensão oral					
Produção oral					
Interação oral					
Leitura					
Escrita					
Léxico e gramática					
Domínio intercultural					

2. **Que prioridade confere à interação oral nas suas aulas?**

Assinale com uma cruz (X) o quadrado correspondente, usando uma escala de 1 a 5, considerando 1 o valor com menor prioridade e 5 o valor com maior prioridade.

	1	2	3	4	5
Interação oral					

3. **Ao longo da sua prática letiva consegue trabalhar a interação oral com a frequência que deseja?**

Sim	
Não	

4. **Se a resposta anterior for negativa, que condicionalismos o/a impedem de desenvolver a mesma com a frequência que desejaria?**

5. **Atendendo às seguintes atividades, com que frequência é que as implementa?**

	Semanalmente	Mensalmente	Trimestralmente	Anualmente	Nunca
Atividades de grupo.					
Atividades individuais.					
Atividades de pares.					

6. **Usa o jogo ao longo da sua prática letiva?**

Sim	
Não	

7. Se a resposta anterior foi afirmativa, que domínio (s) de referência pretende desenvolver com o jogo nas suas aulas? Pode assinalar mais do que uma opção.

Assinale com uma cruz (X) a opção que considera mais adequada de acordo com a sua prática letiva.

Compreensão oral	
Produção oral	
Interação oral	
Leitura	
Escrita	
Léxico e gramática	

8. Como reúne os jogos a usar na aula? Pode escolher mais do que uma opção.

Seleciona do manual adotado.	
Seleciona a partir da Internet.	
Cria os seus próprios materiais.	
Outros. Quais? _____ _____	

9. Qual é a sua opinião sobre o recurso ao jogo para o desenvolvimento da interação oral?

O inquérito termina aqui!
Obrigada pela sua colaboração!

ANEXO IV – PLANIFICAÇÃO

Aula nº2 e 3 (90 minutos)/ Leçon numéro 32 (trente-deux) et 33 (trente-trois) Vendredi 28 novembre 2014 Sommaire: Matériel scolaire : activité de compréhension. Les articles définis et indéfinis. Les phrases de la salle de classe. Exercices d'application.						
Tempo	Procedimentos	Domínio	Descritores	Objetivos	Recursos	Avaliação
5 mn.	<p>Rotina da aula</p> <p>A professora saúda os alunos e os alunos saúdam a professora: " Bonjour! Bonjour Madame!"</p> <p>A professora tira de um saco, o número de um aluno para vir ao quadro escrever a lição e a data.</p> <p>Usando o mesmo processo a professora escolhe alunos diferentes para ler o número da lição e a data. Posteriormente a professora escolhe um aluno para ler as duas coisas.</p>	<p>Compreensão oral</p> <p>Compreensão escrita</p> <p>Interação oral</p> <p>Interação escrita</p>	<p>- O aluno identifica um número limitado de palavras e de frases simples em instruções, mensagens e textos simples e curtos relativos a hábitos, desde que o discurso seja muito claro, pausado e cuidadosamente articulado.</p> <p>- O aluno identifica palavras e frases simples em instruções, mensagens e textos ilustrados e curtos, relativos a hábitos.</p> <p>- O aluno pronuncia, geralmente, de forma compreensível, um repertório muito limitado de expressões e de frases simples, mobilizando estruturas gramaticais muito elementares.</p> <p>- O aluno utiliza expressões e frases muito simples com estruturas gramaticais muito elementares.</p> <p>- O aluno pronuncia geralmente de forma compreensível.</p> <p>- O aluno utiliza expressões e frases muito simples com estruturas gramaticais muito elementares.</p>	<p>- Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua francesa.</p> <p>- Desenvolver competências estratégicas.</p> <p>- Utilizar corretamente os recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação.</p>	<p>- Quadro</p> <p>- Caderno</p>	<p>- Observação</p> <p>- Participação</p>
15 mn.	<p>- Matériel scolaire - jogo</p> <p>A professora diz aos alunos que vão fazer um jogo. Começa por dividir a turma em cinco grupos. Explica as regras do jogo: recorrendo às lousas, alternadamente um membro de cada grupo terá que dizer e escrever o</p>	<p>Compreensão oral</p> <p>Compreensão</p>	<p>- O aluno identifica um número limitado de palavras e de frases simples em instruções, mensagens e textos simples e curtos relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos, necessidades do quotidiano e meio</p>	<p>- Apropriar-se de um conjunto de conhecimentos que ressaltam da língua e da cultura dos países francófonos.</p> <p>- Desenvolver as competências</p>	<p>- Projetor</p> <p>- Computador</p> <p>- Lousas</p>	<p>- Observação</p> <p>- Participação</p>

	<p>nome das imagens sobre o material escolar que vê no power point, posteriormente todos os grupos poderão adivinhar qual o objeto que falta na sequência de imagens. A equipa com mais respostas certas ganha. No final da aula a professora entregará um rebuçado a cada membro da equipa vencedora.</p>	<p>escrita</p> <p>Interação oral</p> <p>Produção oral</p> <p>Produção escrita</p>	<p>envolvente (escola), desde que o discurso seja muito claro, pausado e cuidadosamente articulado.</p> <p>- O aluno identifica palavras e frases simples em instruções, mensagens e textos ilustrados e curtos, relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos e necessidades do quotidiano e do meio envolvente (escola).</p> <p>O aluno pronuncia, geralmente, de forma compreensível, um repertório muito limitado de expressões e de frases simples, mobilizando estruturas gramaticais muito elementares.</p> <p>O aluno pronuncia geralmente de forma compreensível.</p> <p>O aluno utiliza expressões e frases muito simples com estruturas gramaticais muito elementares.</p>	<p>essenciais de comunicação em língua francesa.</p> <p>- Construir a sua identidade pessoal através do desenvolvimento da personalidade, responsabilidade e autonomia.</p> <p>- Utilizar corretamente os recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação.</p>		
20 mn.	<p>Articles définis et les articles indéfinis</p> <p>A professora começa por perguntar aos alunos como se diz em francês "o rapaz" e "a rapariga", levando os alunos a construir o feminino e o masculino no singular. Usando as mesmas palavras, a professora pede aos alunos para as colocarem no plural. De seguida é usada a mesma estratégia com palavras começadas por vogal ou <i>h</i> mudo. Em conjunto com os alunos a professora constrói a regra no quadro, e pede-lhes para copiarem a mesma para o caderno.</p> <p>A professora escreve algumas palavras no quadro e pede aos alunos para copiarem as mesmas para o caderno e escreverem o artigo definido correto.</p> <p>Recorrendo ao quadro, o exercício é corrigido</p>	<p>Compreensão oral</p> <p>Compreensão escrita</p> <p>Produção oral</p> <p>Produção escrita</p>	<p>- O aluno identifica um número limitado de palavras e de frases simples em instruções, mensagens e textos simples e curtos relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos, necessidades do quotidiano e meio envolvente (escola), desde que o discurso seja muito claro, pausado e cuidadosamente articulado.</p> <p>- O aluno identifica palavras e frases simples em instruções, mensagens e textos ilustrados e curtos, relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos e necessidades do quotidiano e do</p>	<p>- Apropriar-se de um conjunto de conhecimentos que ressaltam da língua e da cultura dos países francófonos.</p> <p>- Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua francesa.</p> <p>- Construir a sua identidade pessoal através do desenvolvimento da personalidade, responsabilidade e autonomia.</p> <p>- Utilizar corretamente os</p>	<p>- Quadro</p> <p>- Caderno</p>	<p>- Observação</p> <p>- Participação</p>

	<p>oralmente e por escrito.</p> <p>A professora usa a mesma estrutura para explicar os artigos indefinidos.</p> <p>A professora escreve algumas palavras no quadro e pede aos alunos escreverem o artigo indefinido correto.</p> <p>O exercício é corrigido oralmente e por escrito no quadro.</p>		<p>meio envolvente (escola).</p> <p>- O aluno exprime-se de forma muito simples para falar de si, de outras pessoas, lugares, hábitos, factos e projetos.</p>	<p>recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação.</p>		
10 mn.	<p>A professora diz aos alunos para abrirem o manual na página 38 e diz-lhes para fazerem o exercício 1.1 e 1.2.</p> <p>A professora retira de um saco diferentes números de alunos para virem ao quadro corrigir os exercícios.</p>	<p>Compreensão oral</p> <p>Compreensão escrita</p>	<p>O aluno identifica um número limitado de palavras e de frases simples em instruções, mensagens e textos simples e curtos, relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos, necessidades do quotidiano e meio envolvente (escola), desde que o discurso seja muito claro, pausado e cuidadosamente articulado.</p> <p>O aluno identifica palavras e frases simples em instruções, mensagens e textos ilustrados e curtos (instruções, mapas, cartazes, horários, publicidade, catálogos, receitas, ementas, postais, mensagens pessoais, banda desenhada, entre outros), relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos e necessidades do quotidiano e do meio envolvente (escola).</p>	<p>- Apropriar-se de um conjunto de conhecimentos que ressaltam da língua e da cultura dos países francófonos.</p> <p>- Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua francesa.</p> <p>- Construir a sua identidade pessoal através do desenvolvimento da personalidade, responsabilidade e autonomia.</p> <p>- Utilizar corretamente os recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação.</p>	<p>- Manual</p> <p>- Quadro</p>	<p>- Observação</p> <p>- Participação</p>
10 mn.	<p>A professora distribui um cartão com imagens sobre o material escolar. Posteriormente explica aos alunos que estes terão que construir uma frase usando a informação dada nos cartões.</p> <p>Recorrendo a um cartão, a professora constrói uma frase com a ajuda dos alunos – "Dans le cartable j'ai un stylo et une gomme, mais je n'ai pas de crayons."</p> <p>Há cartões com imagens repetidas propositadamente,</p>	<p>Produção oral</p> <p>Produção escrita</p>	<p>- O aluno exprime-se de forma muito simples para falar de si, de outras pessoas, lugares, hábitos, factos e projetos.</p> <p>- O aluno apoia-se num texto memorizado contendo um repertório muito limitado de palavras, expressões</p>	<p>- Apropriar-se de um conjunto de conhecimentos que ressaltam da língua e da cultura dos países francófonos.</p> <p>- Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua francesa.</p>	<p>- Cartões</p> <p>- Caderno</p> <p>- Quadro</p>	<p>- Observação</p> <p>- Participação</p>

	para que no momento em que a correção está a ser feita, os alunos verifiquem se o colega que está a ler frase, tem os mesmos objetos que eles.As frases são corrigidas oralmente.		isoladas e frases curtas. - O aluno utiliza expressões e frases muito simples com estruturas gramaticais muito elementares.	- Construir a sua identidade pessoal através do desenvolvimento da personalidade, responsabilidade e autonomia. - Utilizar corretamente os recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação.		
10 mn.	- Les phrases de la salle de classe A professora diz aos alunos que vão falar sobre expressões a usar na sala de aula. Recorrendo ao projetor, a professora projeta imagens com o vocabulário relativo ao mesmo. Posteriormente os alunos ouvem e repetem o vocabulário. Numa fase inicial a repetição é feita pela turma inteira, posteriormente a professora divide a turma em dois grupos, rapazes/raparigas e esta é feita alternadamente.	Compreensão oral Compreensão escrita	O aluno identifica um número limitado de palavras e de frases simples em instruções, mensagens e textos simples e curtos, relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos, necessidades do quotidiano e meio envolvente (escola), desde que o discurso seja muito claro, pausado e cuidadosamente articulado O aluno identifica palavras e frases simples em instruções, mensagens e textos ilustrados e curtos, relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos e necessidades do quotidiano e do meio envolvente (escola).	- Apropriar-se de um conjunto de conhecimentos que ressaltam da língua e da cultura dos países francófonos. - Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua francesa. - Construir a sua identidade pessoal através do desenvolvimento da personalidade, responsabilidade e autonomia. - Utilizar corretamente os recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação.	- Computador - Computador - Quadro	- Observação - Participação
5 mn.	A professora pede aos alunos para copiarem o vocabulário para o caderno, assim como para fazerem a sua tradução.	Compreensão oral Compreensão escrita	- O aluno identifica um número limitado de palavras e de frases simples em instruções, mensagens e textos simples e curtos, relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos, necessidades do quotidiano e meio envolvente (escola), desde que o discurso seja muito claro, pausado e cuidadosamente articulado. - O aluno identifica palavras e frases simples em instruções, mensagens e textos ilustrados e curtos, relativos a	- Apropriar-se de um conjunto de conhecimentos que ressaltam da língua e da cultura dos países francófonos. - Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua francesa. - Construir a sua identidade pessoal através do desenvolvimento da personalidade, responsabilidade	- Quadro - Caderno	- Observação - Participação

			hábitos.	e autonomia. - Utilizar corretamente os recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação.		
10 mn.	<p>Áudio</p> <p>A professora distribui uma ficha de trabalho. Explica o exercício, e dá um minuto aos alunos para lerem as frases do exercício. Estes terão a oportunidade de ouvir texto duas vezes.</p> <p>Recorrendo ao quadro o exercício é corrigido oralmente.</p>	Compreensão oral	<p>O aluno identifica um número limitado de palavras e de frases simples em instruções, mensagens e textos simples e curtos, relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos, necessidades do quotidiano e meio envolvente (escola), desde que o discurso seja muito claro, pausado e cuidadosamente articulado</p>	<p>- Apropriar-se de um conjunto de conhecimentos que ressaltam da língua e da cultura dos países francófonos.</p> <p>- Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua francesa.</p> <p>- Construir a sua identidade pessoal através do desenvolvimento da personalidade, responsabilidade e autonomia.</p> <p>- Utilizar corretamente os recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação.</p>	<p>- Computador</p> <p>- Computador</p> <p>- Quadro</p> <p>- Ficha de trabalho</p>	<p>- Observação</p> <p>- Participação</p>
5 mn.	<p>A professora escreve o sumário no quadro. Posteriormente tira de um saco o número de um aluno, e pede-lhe para ler o mesmo.</p> <p>Dévoirs: Faire l'exercice 2 de la fiche de travail.</p> <p>Fiche de préparation pour le 2ème test.</p>	<p>Compreensão oral</p> <p>Compreensão escrita</p> <p>Interação oral</p> <p>Interação escrita</p>	<p>O aluno identifica um número limitado de palavras e de frases simples em instruções, mensagens e textos simples e curtos relativos a hábitos, desde que o discurso seja muito claro, pausado e cuidadosamente articulado.</p> <p>- O aluno identifica palavras e frases simples em instruções, mensagens e textos ilustrados e curtos, relativos a hábitos.</p> <p>- O aluno pronuncia, geralmente, de forma compreensível, um repertório muito limitado de expressões e de frases simples, mobilizando estruturas gramaticais muito elementares.</p>	<p>- Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua francesa.</p> <p>- Desenvolver competências estratégicas.</p> <p>- Utilizar corretamente os recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação.</p>	<p>- Quadro</p> <p>- Caderno</p>	<p>- Observação</p> <p>- Participação</p>

			<ul style="list-style-type: none">- O aluno utiliza expressões e frases muito simples com estruturas gramaticais muito elementares.- O aluno pronuncia geralmente de forma compreensível.- O aluno utiliza expressões e frases muito simples com estruturas gramaticais muito elementares.			
--	--	--	--	--	--	--

ANEXO V – PLANIFICAÇÃO

Aula nº11 e 12 (90 minutos)/ Leçon numéro 48 (quarante-huit) et 49 (quarante-neuf) Vendredi 23 janvier 2015 Sommaire: Mon portrait : exercices. Production écrite – lettre.						
Tempo	Procedimentos	Domínio	Descritores	Objetivos	Recursos	Avaliação
5 mn.	<p>Rotina da aula</p> <p>A professora saúda os alunos e os alunos saúdam a professora: “ Bonjour! Bonjour Madame!”</p> <p>A professora tira de um saco, o número de um aluno para vir ao quadro escrever a lição e a data.</p> <p>Usando o mesmo processo a professora escolhe alunos diferentes para ler o número da lição e a data. Posteriormente a professora escolhe um aluno para ler as duas coisas.</p>	<p>Compreensão oral</p> <p>Compreensão escrita</p> <p>Interação oral</p> <p>Interação escrita</p>	<p>- O aluno identifica um número limitado de palavras e de frases simples em instruções, mensagens e textos simples e curtos relativos a hábitos, desde que o discurso seja muito claro, pausado e cuidadosamente articulado.</p> <p>- O aluno identifica palavras e frases simples em instruções, mensagens e textos ilustrados e curtos, relativos a hábitos.</p> <p>- O aluno pronuncia, geralmente, de forma compreensível, um repertório muito limitado de expressões e de frases simples, mobilizando estruturas gramaticais muito elementares.</p> <p>- O aluno utiliza expressões e frases muito simples com estruturas gramaticais muito elementares.</p> <p>- O aluno pronuncia geralmente de forma compreensível.</p> <p>- O aluno utiliza expressões e frases muito simples com estruturas gramaticais muito elementares.</p>	<p>- Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua francesa.</p> <p>- Desenvolver competências estratégicas.</p> <p>- Utilizar corretamente os recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação.</p>	<p>- Quadro</p> <p>- Caderno</p>	<p>- Observação</p> <p>- Participação</p>
5 mn.	<p>A professora diz aos alunos que vão dançar uma música chamada “Boggle-woogie”. Numa fase inicial os alunos ouvem a música, posteriormente, ouvem e fazem os gestos.</p>	<p>- Compreensão oral</p>	<p>- O aluno identifica um número limitado de palavras e de frases simples em instruções, mensagens e textos simples e curtos relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos, necessidades do quotidiano e meio envolvente (família, escola, lugares, lazer, serviços), desde que o discurso seja muito claro, pausado e cuidadosamente articulado.</p>	<p>-Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua francesa.</p> <p>-Desenvolver competências estratégicas.</p>	<p>- Cd</p> <p>- Computador</p>	<p>- Observação</p> <p>- Participação</p>

10 mn.	A professora diz aos alunos que vão ler algumas das descrições feitas na aula anterior. Esta tira aleatoriamente de um saco o número de um aluno e diz-lhe para ler a sua descrição, no final a turma deve tentar adivinhar quem é o aluno que está a ser descrito. A professora diz aos alunos para colarem os cartões com os nomes na ficha de trabalho e posteriormente para entregarem a ficha à pessoa que descreveram. Os alunos colam a ficha no caderno.	Compreensão oral Interação oral Produção oral	<p>O aluno identifica um número limitado de palavras e de frases simples em instruções, mensagens e textos simples e curtos (anúncios públicos, publicidade, canções,...) relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos, necessidades do quotidiano e meio envolvente (família, escola, lugares, lazer, serviços), desde que o discurso seja muito claro, pausado e cuidadosamente articulado.</p> <p>O aluno pede ou dá informações (dados pessoais, hábitos, gostos e preferências, lugares, serviços, factos e projetos), apoiando-se no discurso do interlocutor.</p> <p>O aluno exprime-se de forma muito simples para falar de si, de outras pessoas, lugares, hábitos, factos e projetos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizar corretamente os recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação. - Construir a sua identidade pessoal através do desenvolvimento da personalidade, responsabilidade e autonomia. - Desenvolver o espírito crítico através de uma permanente auto e heteroavaliação. - Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua francesa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ficha de trabalho - Cartões - Caderno 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação - Participação
10 mn.	- A professora diz aos alunos para abrirem o manual na página 56 e diz-lhes para fazerem o exercício 1. O exercício é corrigido oralmente.	Compreensão oral Compreensão escrita Interação oral Produção oral	<ul style="list-style-type: none"> - O aluno identifica palavras e frases simples em instruções, mensagens e textos ilustrados e curtos (mensagens pessoais), relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos e necessidades do quotidiano e do meio envolvente. - O aluno identifica um número limitado de palavras e de frases simples em instruções, mensagens e textos simples e curtos, relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos, necessidades do quotidiano e meio envolvente (família, escola, lugares, lazer, serviços), desde que o discurso seja muito claro, pausado e cuidadosamente articulado. - O aluno pronuncia, geralmente, de forma compreensível, um repertório 	<ul style="list-style-type: none"> - Apropriar-se de um conjunto de conhecimentos que ressaltam da língua e da cultura dos países francófonos. - Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua francesa. - Desenvolver competências estratégicas - Utilizar corretamente os recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação. - Construir a sua identidade pessoal através do desenvolvimento da personalidade, responsabilidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Manual 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação - Participação

			<p> muito limitado de expressões e de frases simples, mobilizando estruturas gramaticais muito elementares.</p> <p>- O aluno exprime-se de forma muito simples para falar de si, de outras pessoas, lugares, hábitos, factos e projetos.</p> <p>- O aluno pronuncia geralmente de forma compreensível.</p>	<p>e autonomia.</p> <p>- Desenvolver o espírito crítico através de uma permanente auto e heteroavaliação.</p>		
5 min.	<p>A professora diz aos alunos para abrirem o manual na página 57 e diz-lhes para fazerem o exercício 2.</p> <p>Recorrendo ao projetor o exercício é corrigido oralmente.</p>	<p>Compreensão oral</p> <p>Compreensão escrita</p> <p>Interação oral</p> <p>Produção oral</p>	<p>O aluno identifica palavras e frases simples em instruções, mensagens e textos ilustrados e curtos (mensagens pessoais), relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos e necessidades do quotidiano e do meio envolvente.</p> <p>- O aluno identifica um número limitado de palavras e de frases simples em instruções, mensagens e textos simples e curtos, relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos, necessidades do quotidiano e meio envolvente (família, escola, lugares, lazer, serviços), desde que o discurso seja muito claro, pausado e cuidadosamente articulado.</p> <p>- O aluno pronuncia, geralmente, de forma compreensível, um repertório muito limitado de expressões e de frases simples, mobilizando estruturas gramaticais muito elementares.</p> <p>- O aluno exprime-se de forma muito simples para falar de si, de outras pessoas, lugares, hábitos, factos e projetos.</p> <p>- O aluno pronuncia geralmente de forma compreensível.</p>	<p>- Apropriar-se de um conjunto de conhecimentos que ressaltam da língua e da cultura dos países francófonos.</p> <p>- Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua francesa.</p> <p>- Desenvolver competências estratégicas</p> <p>- Utilizar corretamente os recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação.</p> <p>- Construir a sua identidade pessoal através do desenvolvimento da personalidade, responsabilidade e autonomia.</p> <p>- Desenvolver o espírito crítico através de uma permanente auto e heteroavaliação.</p>	<p>- Manual</p> <p>- Computador</p> <p>- Projetor</p>	<p>- Observação</p> <p>- Participação</p>

10 mn.	A professora diz aos alunos para abrirem o caderno de atividades na página 35 e diz-lhes para fazerem o exercício 2.6. Recorrendo ao projetor o exercício é corrigido oralmente.	Compreensão escrita Produção escrita	<ul style="list-style-type: none"> - O aluno identifica palavras e frases simples em instruções, mensagens e textos ilustrados e curtos (instruções, mapas, cartazes, horários, publicidade, catálogos, receitas, ementas, postais, mensagens pessoais, banda desenhada, entre outros), relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos e necessidades do quotidiano e do meio envolvente (família, escola, lugares, lazer e serviços.). - O aluno descreve outras pessoas, hábitos, gostos, preferências, lugares e acontecimentos. - O aluno utiliza expressões e frases muito simples com estruturas gramaticais muito elementares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apropriar-se de um conjunto de conhecimentos que ressaltam da língua e da cultura dos países francófonos. - Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua francesa. - Desenvolver competências estratégicas - Utilizar corretamente os recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação. - Construir a sua identidade pessoal através do desenvolvimento da personalidade, responsabilidade e autonomia. - Desenvolver o espírito crítico através de uma permanente auto e heteroavaliação. 	- Caderno de atividades - Projetor	- Observação - Participação
20 mn.	-Jogo A professora diz aos alunos que vão jogar um jogo. Começa por formar cinco grupos de quatro elementos e um grupo de três elementos. Posteriormente projeta a imagem de 6 personagens da banda desenhada Asterix, e entrega um cartão com uma letra que pertence a um personagem, assim como uma lousa a cada grupo. A professora diz aos alunos que estes terão que descrever o personagem correspondente à letra que estes têm no cartão. Cada grupo deve esconder a identidade do personagem que está a descrever. No final um membro de cada grupo tem que ler a descrição, recorrendo às lousas, cada grupo escreve a letra da imagem que acha que o colega está a descrever. O grupo ou grupos que acertarem em mais descrições ganham o jogo, recebendo no final da aula um chocolate.	- Compreensão oral - Interação oral - Produção escrita Produção oral	<ul style="list-style-type: none"> - O aluno identifica palavras e frases simples em instruções, mensagens e textos ilustrados e curtos (instruções, mapas, cartazes, horários, publicidade, catálogos, receitas, ementas, postais, mensagens pessoais, banda desenhada, entre outros), relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos e necessidades do quotidiano e do meio envolvente (família, escola, lugares, lazer e serviços.). - O aluno pede ou dá informações (dados pessoais, hábitos, gostos e preferências, lugares, serviços, factos e projetos), apoiando-se no discurso do interlocutor. - O aluno pronuncia, geralmente, de forma compreensível, um repertório 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua francesa. - Desenvolver competências estratégicas - Utilizar corretamente os recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação. - Construir a sua identidade pessoal através do desenvolvimento da personalidade, responsabilidade e autonomia. - Desenvolver o espírito crítico através de uma permanente auto 	- Projetor - Cartões - Lousas	- Observação - Participação

			<p>muito limitado de expressões e de frases simples, mobilizando estruturas gramaticais muito elementares.</p> <p>-O aluno escreve textos simples e curtos (30-40 palavras).</p> <p>- O aluno descreve outras pessoas, hábitos, gostos, preferências, lugares e acontecimentos.</p> <p>- O aluno utiliza expressões e frases muito simples com estruturas gramaticais muito elementares.</p> <p>- O aluno exprime-se de forma muito simples para falar de si, de outras pessoas, lugares, hábitos, factos e projetos.</p> <p>- O aluno apoia-se num texto memorizado contendo um repertório muito limitado de palavras, expressões isoladas e frases curtas.</p> <p>- O aluno pronuncia geralmente de forma compreensível.</p>	e heteroavaliação.		
20 mn.	<p>Carta</p> <p>A professora pede aos alunos para pegarem nas cartas que receberam dos seus correspondentes da Escola Básica das Marinhas e diz-lhes que vão responder às mesmas. Aleatoriamente pede a alguns alunos para lerem a última carta que receberam.</p> <p>A professora projeta a estrutura da carta, e diz aos alunos para reservarem uma folha no caderno para redigir a mesma, pois nesta aula será apenas escrita a primeira parte da carta.</p> <p>Os alunos redigem a carta seguindo o modelo projetado.</p> <p>A professora tira aleatoriamente de um saco o número de alguns alunos, e diz-lhes para lerem as suas cartas.</p>	<p>- Produção escrita</p> <p>- Produção oral</p>	<p>- O aluno escreve textos simples e curtos (30-40 palavras).</p> <p>- O aluno descreve outras pessoas, hábitos, gostos, preferências, lugares e acontecimentos.</p> <p>- O aluno utiliza expressões e frases muito simples com estruturas gramaticais muito elementares.</p> <p>- O aluno exprime-se de forma muito simples para falar de si, de outras pessoas, lugares, hábitos, factos e projetos.</p> <p>- O aluno pronuncia geralmente de forma</p>	<p>- Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua francesa.</p> <p>- Desenvolver competências estratégicas</p> <p>- Utilizar corretamente os recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação.</p> <p>- Construir a sua identidade pessoal através do desenvolvimento da personalidade, responsabilidade e autonomia.</p> <p>- Desenvolver o espírito crítico</p>	<p>- Projetor</p> <p>- Quadro</p> <p>- Caderno</p>	<p>- Observação</p> <p>- Participação</p>

			compreensível.	através de uma permanente auto e heteroavaliação.		
5 mn.	A professora escreve o sumário no quadro. Posteriormente, tira de um saco o número de um aluno para ler o mesmo.	Compreensão oral Compreensão escrita Interação oral Interação escrita	<ul style="list-style-type: none"> - O aluno identifica um número limitado de palavras e de frases simples em instruções, mensagens e textos simples e curtos relativos a hábitos, desde que o discurso seja muito claro, pausado e cuidadosamente articulado. - O aluno identifica palavras e frases simples em instruções, mensagens e textos ilustrados e curtos, relativos a hábitos. - O aluno pronuncia, geralmente, de forma compreensível, um repertório muito limitado de expressões e de frases simples, mobilizando estruturas gramaticais muito elementares. - O aluno utiliza expressões e frases muito simples com estruturas gramaticais muito elementares. - O aluno pronuncia geralmente de forma compreensível. - O aluno utiliza expressões e frases muito simples com estruturas gramaticais muito elementares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua francesa. - Desenvolver competências estratégicas. - Utilizar corretamente os recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação. 	- Quadro - Caderno	- Observação - Participação

ANEXO VI – PLANIFICAÇÃO

Aula nº2 e 3 (90 minutos)/ Leçons numéro 68 (soixante - huit) et 69 (soixante-neuf) Vendredi 13 mars 2015 Sommaire: Les membres de la famille. Déterminants possessifs. Production écrite d'une lettre.						
Tempo	Procedimentos	Domínio	Descritores	Objetivos	Recursos	Avaliação
5 mn.	<p>Rotina da aula</p> <p>A professora saúda os alunos e os alunos saúdam a professora: " Bonjour! Bonjour Madame!"</p> <p>A professora tira de um saco, o número de um aluno para vir ao quadro escrever a lição e a data.</p> <p>Usando o mesmo processo a professora escolhe alunos diferentes para ler o número da lição e a data. Posteriormente a professora escolhe um aluno para ler as duas coisas.</p>	<p>Compreensão oral</p> <p>Compreensão escrita</p> <p>Interação oral</p> <p>Interação escrita</p>	<p>- O aluno identifica um número limitado de palavras e de frases simples em instruções, mensagens e textos simples e curtos relativos a hábitos, desde que o discurso seja muito claro, pausado e cuidadosamente articulado.</p> <p>- O aluno identifica palavras e frases simples em instruções, mensagens e textos ilustrados e curtos, relativos a hábitos.</p> <p>- O aluno pronuncia, geralmente, de forma compreensível, um repertório muito limitado de expressões e de frases simples, mobilizando estruturas gramaticais muito elementares.</p> <p>- O aluno utiliza expressões e frases muito simples com estruturas gramaticais muito elementares.</p> <p>- O aluno pronuncia geralmente de forma compreensível.</p> <p>- O aluno utiliza expressões e frases muito simples com estruturas gramaticais muito elementares.</p>	<p>- Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua francesa.</p> <p>- Desenvolver competências estratégicas.</p> <p>- Utilizar corretamente os recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação.</p>	<p>- Quadro</p> <p>- Caderno</p>	<p>- Observação</p> <p>- Participação</p>
20 mn.	<p>- Jogo</p> <p>A professora diz aos alunos que vão fazer um pequeno jogo. Começa por dividir a turma em cinco grupos. Posteriormente explica as regras do jogo, dizendo-lhes que vão ver novamente um excerto da série "En famille", e que cada grupo tirará de um saco um cartão com o nome de um personagem que verão na série. Sem dizer o nome do mesmo, cada grupo tem que descrever fisicamente o personagem que está no</p>	<p>Compreensão oral</p> <p>Compreensão escrita</p> <p>Produção oral</p> <p>Produção escrita</p>	<p>- O aluno identifica um número limitado de palavras e de frases simples em instruções, mensagens e textos simples e curtos relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos, necessidades do quotidiano e meio envolvente, desde que o discurso seja muito claro, pausado e cuidadosamente</p>	<p>- Desenvolver uma competência cultural e civilizacional da língua francesa.</p> <p>- Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua</p>	<p>- Projetor</p> <p>- Cartões</p> <p>- Lousas</p>	<p>- Observação</p> <p>- Participação</p>

	<p>cartão, dando apenas quatro pistas sobre o mesmo. O objetivo do jogo é dizer acertadamente o grau de parentesco do personagem que é descrito. A professora distribui uma lousa a cada grupo e estes devem escrever na mesma, o grau de parentesco do mesmo.</p>	<p>Interação oral</p>	<p>articulado.</p> <ul style="list-style-type: none"> - O aluno identifica palavras e frases simples em instruções, mensagens e textos ilustrados e curtos (instruções, mapas, cartazes, horários, publicidade, catálogos, receitas, ementas, postais, mensagens pessoais, banda desenhada, entre outros), relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos e necessidades do quotidiano e do meio envolvente (família, escola, lugares, lazer e serviços.). - O aluno exprime-se de forma muito simples para falar de si, de outras pessoas, lugares, hábitos, factos e projetos. - O aluno apoia-se num texto memorizado contendo um repertório muito limitado de palavras, expressões isoladas e frases curtas. - O aluno pronuncia geralmente de forma compreensível. - O aluno descreve outras pessoas, hábitos, gostos, preferências, lugares e acontecimentos. - O aluno pronuncia, geralmente, de forma compreensível, um repertório muito limitado de expressões e de frases simples, mobilizando estruturas gramaticais muito elementares. - O aluno utiliza expressões e frases muito simples com estruturas gramaticais muito elementares. 	<p>francesa.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver competências estratégicas. - Utilizar corretamente os recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação. - Construir a sua identidade pessoal através do desenvolvimento da personalidade, responsabilidade e autonomia. - Desenvolver o espírito crítico através de uma permanente auto e heteroavaliação. 		
10 mn.	<p>A professora diz aos alunos para abrirem o caderno de atividades na página 38 e diz-lhes para fazerem o exercício 2.</p>	<p>Compreensão oral</p> <p>Compreensão</p>	<p>- O aluno identifica um número limitado de palavras e de frases simples em instruções, mensagens e textos simples e</p>	<p>- Desenvolver uma competência cultural e civilizacional da língua</p>	<p>- Caderno de atividades</p>	<p>- Observação</p> <p>- Participação</p>

	Recorrendo ao projetor, o exercício é corrigido oralmente.	escrita Produção oral Produção escrita	curtos relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos, necessidades do quotidiano e meio envolvente, desde que o discurso seja muito claro, pausado e cuidadosamente articulado. - O aluno identifica palavras e frases simples em instruções, mensagens e textos ilustrados e curtos (instruções, mapas, cartazes, horários, publicidade, catálogos, receitas, ementas, postais, mensagens pessoais, banda desenhada, entre outros), relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos e necessidades do quotidiano e do meio envolvente (família, escola, lugares, lazer e serviços). - O aluno pronuncia geralmente de forma compreensível. - O aluno descreve outras pessoas, hábitos, gostos, preferências, lugares e acontecimentos.	francesa. - Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua francesa. - Desenvolver competências estratégicas. - Utilizar corretamente os recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação. - Construir a sua identidade pessoal através do desenvolvimento da personalidade, responsabilidade e autonomia. - Desenvolver o espírito crítico através de uma permanente auto e heteroavaliação.	- Computador	
20 mn.	- Les déterminants possessifs Recorrendo ao projetor, a professora dá alguns exemplos de frases com os determinantes possessivos. À medida que os exemplos são dados, a mesma vai sistematizando a matéria. Antes de começar a explicação, a professora entrega uma pequena ficha de trabalho para que os alunos a vão preenchendo no decorrer da mesma. No final da explicação a professora projeta alguns exercícios para que os alunos pratiquem no caderno. A professora tira de um saco o número de alguns	Compreensão oral Compreensão escrita Produção oral Produção escrita	- O aluno identifica um número limitado de palavras e de frases simples em instruções, mensagens e textos simples e curtos relativos a hábitos, desde que o discurso seja muito claro, pausado e cuidadosamente articulado. - O aluno identifica palavras e frases simples em instruções, mensagens e textos ilustrados e curtos, relativos a hábitos.. - O aluno pronuncia geralmente de forma compreensível. - O aluno utiliza expressões e frases muito simples com estruturas gramaticais muito elementares.	- Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua francesa. - Desenvolver competências estratégicas. - Utilizar corretamente os recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação. - Construir a sua identidade pessoal através do desenvolvimento da personalidade, responsabilidade e	- Computador - Ficha de trabalho - Quadro	Observação Participação

	alunos aleatoriamente, para virem ao quadro corrigir os exercícios.			autonomia. - Desenvolver o espírito crítico através de uma permanente auto e heteroavaliação.		
12 mn.	- A professora diz aos alunos para abrirem o manual na página 69 e diz-lhes para fazerem os exercícios 1.1 e 1.2 mn Recorrendo ao projetor os exercícios são corrigidos oralmente.	Compreensão oral Compreensão escrita Produção oral Produção escrita	O aluno identifica um número limitado de palavras e de frases simples em instruções, mensagens e textos simples e curtos relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos, necessidades do quotidiano e meio envolvente, desde que o discurso seja muito claro, pausado e cuidadosamente articulado. - O aluno identifica palavras e frases simples em instruções, mensagens e textos ilustrados e curtos (instruções, mapas, cartazes, horários, publicidade, catálogos, receitas, ementas, postais, mensagens pessoais, banda desenhada, entre outros), relativos à identificação e caracterização pessoais, hábitos e necessidades do quotidiano e do meio envolvente (família, escola, lugares, lazer e serviços.). - O aluno pronuncia geralmente de forma compreensível. - O aluno descreve outras pessoas, hábitos, gostos, preferências, lugares e acontecimentos.	- Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua francesa. - Desenvolver competências estratégicas. - Utilizar corretamente os recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação. - Construir a sua identidade pessoal através do desenvolvimento da personalidade, responsabilidade e autonomia. - Desenvolver o espírito crítico através de uma permanente auto e heteroavaliação.	- Computador - Manual	Observação Participação

20 mn.	<p>- Trabalho de projeto</p> <p>A professora pede aos alunos para pegarem na última carta que receberam do seu correspondente do agrupamento e diz-lhes que vão responder à mesma, descrevendo a sua família, tal como eles lhes prometido.</p> <p>É projetada a estrutura de um texto, com base neste os alunos constroem o seu.</p>				<p>- Computador</p> <p>- Caderno</p>	
3 mn.	<p>A professora escreve o sumário no quadro. Posteriormente, tira de um saco o número de um aluno para ler o mesmo.</p>	<p>Compreensão oral</p> <p>Compreensão escrita</p> <p>Interação oral</p> <p>Interação escrita</p>	<p>- O aluno identifica um número limitado de palavras e de frases simples em instruções, mensagens e textos simples e curtos relativos a hábitos, desde que o discurso seja muito claro, pausado e cuidadosamente articulado.</p> <p>- O aluno identifica palavras e frases simples em instruções, mensagens e textos ilustrados e curtos, relativos a hábitos.</p> <p>- O aluno pronuncia, geralmente, de forma compreensível, um repertório muito limitado de expressões e de frases simples, mobilizando estruturas gramaticais muito elementares.</p> <p>- O aluno utiliza expressões e frases muito simples com estruturas gramaticais muito elementares.</p> <p>- O aluno pronuncia geralmente de forma compreensível.</p> <p>- O aluno utiliza expressões e frases muito simples com estruturas gramaticais muito elementares.</p>	<p>- Desenvolver as competências essenciais de comunicação em língua francesa.</p> <p>- Desenvolver competências estratégicas.</p> <p>- Utilizar corretamente os recursos linguísticos disponíveis em situações de comunicação.</p>	<p>- Quadro</p> <p>- Caderno</p>	<p>- Observação</p> <p>- Participação</p>